

O Jornalismo de Investigação na *TVI*

Cristiana Isabel Dias de Melo

Relatório

de Estágio de Mestrado em Jornalismo

Versão corrigida e melhorada após defesa pública

Abril, 2024

Relatório de Estágio apresentado para cumprimento dos requisitos necessários à
obtenção do grau de Mestre em Jornalismo realizado sob a orientação científica de
Pedro Manuel Rouxinol Samina Coelho.

Ao amor dos meus pais
e à paciência das minhas irmãs

Agradecimentos

A realização do presente Relatório de Estágio será sempre recordada como uma fase de crescimento. Ouvi (quem já tinha passado por esta experiência) falar sobre este período e, agora que termino esta fase, entendo o valor das palavras. Não é apenas sobre o documento académico que acabei de redigir, mas sim sobre o desafio que travei ao longo destes meses. (Felizmente), nunca estive sozinha.

Quando solicitei a orientação do Professor Pedro Manuel Rouxinol Samina Coelho esperava apoio tendo em conta a familiarização com o tema, no entanto, estava longe de imaginar a ajuda imprescindível que seria para este projeto.

Um agradecimento à *CNN Portugal* e à *TVI* pelo espaço que me foi dado para aprender com os profissionais da área que fazem do jornalismo vida. Obrigada à Paula Oliveira, a subdiretora de informação, pela preocupação em me fazer aproveitar a minha primeira experiência em televisão.

Quem tornou esta experiência em algo que me faz sorrir quando recordo foram os jornalistas com quem me cruzei e os editores da redação central, Ana Candeias e Pedro Pinheiro. À Ana Candeias agradeço a atribuição das peças que me fizeram crescer e ao Pedro Pinheiro agradeço a empatia e a boa disposição que entregou para me fazer sentir parte da equipa.

Ainda, agradecer à jornalista Sandra Felgueiras por me permitir acompanhar o trabalho do programa *Exclusivo* parte crucial do presente trabalho. A paciência e disponibilidade do jornalista Luís Vigário em responder a todas as questões e à disponibilidade da Anabela Vaz Jacinto por me possibilitar observar o seu trabalho na primeira pessoa.

Aproveito este momento para agradecer às duas universidades que fazem parte do meu percurso: Universidade do Minho que é sinónimo de casa e à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa (NOVA FCSH) que me permitiu solidificar competências e evoluir como pessoa.

Por fim, agradeço aos que me acompanham nos desafios e aos que ficam tão ou mais felizes do que eu com os meus sucessos. À mãe e ao pai, à Bia e a Lara, às amigas de todos os momentos, à família e à avó que não sabe muito bem no que estive a trabalhar durante estes três meses, mas que percebe o quão feliz estou por terminar esta etapa.

O Jornalismo de Investigação na TVI

Cristiana Isabel Dias de Melo

Resumo

Jornalismo de investigação é considerado a “joia da coroa do jornalismo” (Anderson, 2007, p.62), pela sua forma de contar e construir as histórias. A predisposição para aprofundar os temas com o objetivo de atingir uma peça “à prova de bala” (Coelho & Silva, 2018, p.83), é um dos muitos traços que distinguem o jornalismo de investigação do jornalismo quotidiano.

Para além da crise da sustentabilidade, são vários os desafios que limitam o campo da investigação. Fontes anónimas, falta de transparência, provas insuficientes, questões éticas, tempo limitado transformam-se em adversidades que têm de ser vencidas para a reportagem de investigação ser merecedora da “primeira página” (Randall, 2016, p.129). Quando superadas, o encontro com a verdade e com o serviço público impõem-se valorizando, assim, a peça de investigação.

Neste sentido, o presente relatório de estágio visa caracterizar o jornalismo feito no *Exclusivo*, programa que integra o *Jornal Nacional*, da TVI, e perceber se essa expressão jornalística existe (ou não), tendo em conta a complexidade e a presença residual de jornalismo de investigação. Ao longo deste estudo, ter-se-á em destaque a análise quantitativa de 24 peças transmitidas, ao longo do período de estágio (setembro a dezembro de 2023), e a análise qualitativa que se expressa na aplicação de critérios que estruturam o conceito e na observação participante de algumas fases de trabalho da equipa do *Exclusivo*.

Palavras-chave: Jornalismo de Investigação, Jornalista de Investigação, Televisão, Crise no Jornalismo, Sustentabilidade do Jornalismo

Investigative Journalism in *TVI*

Cristiana Isabel Dias de Melo

Abstract

Investigative journalism is considered the "jewel in the crown of journalism" (Anderson, 2007, p.62), because of the way it tells and builds stories. The predisposition to delve deeper into topics in order to achieve a "bulletproof" piece (Coelho & Silva, 2018, p.83), is one of the many traits that distinguish investigative journalism from everyday journalism.

In addition to the sustainability crisis, there are several challenges that limit the investigative field. Anonymous sources, lack of transparency, insufficient evidence, ethical issues and limited time become adversities that have to be overcome for investigative reporting to be worthy of the "front page" (Randall, 2016, p.129). When they are overcome, the encounter with the truth and with public service are imposed, thus enhancing the value of the investigative piece.

In this sense, this internship report aims to characterize the journalism done on *Exclusivo*, a programme that is part of *TVI's Jornal Nacional*, and to understand whether this journalistic expression exists (or not), taking into account the complexity and residual presence of investigative journalism. Throughout this study, the quantitative analysis of 24 pieces broadcast during the internship period (September to December 2023), will be highlighted, as well as the qualitative analysis expressed in the application of criteria that structure the concept and in the participant observation of some work phases of the *Exclusivo* team.

Keywords: Investigative Journalism, Investigative Journalist, Television, Crisis in Journalism, Sustainability of Journalism

Índice

Introdução.....	1
Capítulo I: Caracterização do órgão de comunicação social e do estágio.....	4
I.1. Media Capital: <i>TVI</i> e <i>CNN Portugal</i>	4
1.1. 31 anos de <i>TVI</i>	5
1.2. 2 anos de <i>CNN Portugal</i>	6
I.2. A escolha da <i>TVI</i>	7
I.3. O estágio	8
Capítulo II: Enquadramento Teórico	18
II.1. Crise no jornalismo	18
1.1. Televisão: a caixa mágica	19
1.2. Modelo de Negócio	21
1.3. Impacto da crise no jornalismo de investigação	23
II.2. Especificidades do jornalismo de investigação	25
2.1. Perfil do jornalista de investigação	28
2.2. Consórcio: o trabalho de equipa	29
Capítulo III: Caracterização da investigação	32
III. 1. Pertinência do estudo	32
III. 2. Perguntas de investigação	34
III. 3. Metodologia.....	34
3.1 Análise de conteúdo.....	34
3.2 Método Observação Participante.....	35
Capítulo IV: Apresentação e discussão dos resultados	42
IV. 1. Resultados da análise de conteúdos	56
1.1. Primeiros resultados.....	56
1.2. Especificidades da peça de jornalismo de investigação.....	60
IV. 2. Resultados do método de observação participante.....	64
Conclusão.....	66

Índice de Tabelas

Tabela 1. Jornalistas que trabalharam na reportagem de investigação. Fonte: Autoria Própria.	61
Tabela 2. Fontes utilizadas na reportagem de investigação. Fonte: Autoria Própria.....	62
Tabela 3. Fontes (oficiais) utilizadas na reportagem de investigação. Fonte: Autoria Própria.	63
Tabela 4: Critérios estruturantes para analisar as peças do <i>Exclusivo</i> . Fonte: Autoria Própria.	75

Índice de Figuras

Figura 1. Número de peças por número de critérios. Fonte: autoria própria.....	56
Figura 2. Número de peças por critério. Fonte: Autoridade própria.....	57
Figura 3. Número de peças que (não) recorrem a fontes anónimas. Fonte: Autoria própria.....	59

Introdução

O mote deste estudo concentra-se na distinção feita entre jornalismo de investigação e jornalismo quotidiano. A separação não é apoiada por todos os académicos, nem por todos os jornalistas, ainda assim, o jornalismo de investigação é considerado um “género” (De Burgh, 2000, p.32), que visa “desocultar o oculto” (Aucoin, 2006, p.105), que o jornalismo quotidiano não tem tempo para aprofundar, já que está submisso à agenda noticiosa e ao que assiste o “valor de notícia” (De Burgh, 2000, p.19; Starkman, 2014, p.29). A “predisposição para escavar” (Anderson & Benjaminson, 1976, p.3), dos jornalistas de investigação é um traço que marca o “tipo de personalidade” (ibidem, p. 3), e que os diferencia dos restantes jornalistas.

O presente relatório de estágio é desenvolvido tendo em conta as linhas que caracterizam o jornalismo de investigação. Neste sentido, tentaremos perceber se o programa *Exclusivo*, que pertence ao alinhamento semanal do *Jornal Nacional*, da *TVI*, conta com jornalismo de investigação e, consequentemente, como é caracterizado atendendo às particularidades que definem o conceito. Assim, o relatório de estágio avançará seguindo a estrutura explicada de seguida.

No “Capítulo I” é apresentada a empresa Media Capital tendo em conta as duas redações por onde passou o estágio: a *CNN Portugal* e a *TVI*. A história, o crescimento, o fortalecimento do posicionamento das empresas no mercado nacional e, consequentemente, a concorrência são alguns tópicos desenvolvidos no que diz respeito às empresas. Seguidamente, são explicadas as razões da escolha do local de estágio e como foi o processo de admissão até ao “sim” que se concretizou num estágio de três meses, entre setembro e dezembro de 2023. Depois, é sintetizada a experiência na *CNN Portugal* e na *TVI*. Ainda neste capítulo, são especificadas as peças de autoria própria e descrito o processo de criação das mesmas. As dificuldades, as aprendizagens e os desafios são frisados, visto que são pormenores que caracterizaram a experiência vivida e que permitiram obter material para ser explorado no presente relatório, mais especificamente, nos Capítulos III e IV.

No “Capítulo II” é desenvolvido o enquadramento teórico onde são apresentados os pilares da investigação. O conceito de jornalismo de investigação é o centro do relatório e, nesse sentido, os tópicos explorados estão fortemente relacionados com o

termo. Inicialmente, trata-se a crise que tem vindo a impactar o jornalismo e, consequentemente, os contornos marcados pela “quebra de moral”, o “desinvestimento na especialização” e “os cortes duradouros” (Starkman, 2014, p.246). Para o enquadramento da crise conjugam-se obras de Coelho e Silva (2018), Coelho e Rodrigues (2020), e Ramonet (2011). De certa forma, são apresentados os complexos obstáculos que se têm vindo a edificar, mas, ao mesmo tempo, as estratégias que podem ajudar no renascimento do jornalismo.

Visto que a experiência de estágio foi passada numa televisão, foi elaborado um resumo histórico focando, também, nos desafios que o próprio meio enfrenta como a “hiper-segmentação de públicos”, o “aumento do poder de escolha do espectador” e o “desencontro das conveniências” (Filho, Sá & Serra, 2015, p.1), de quem está associado à televisão. Neste sentido, é apresentado um modelo de negócio que visa reanimar o jornalismo da autora Julia Cagé (2016). Na parte final do subcapítulo, afunila-se e desenvolvem-se os fatores que limitam o campo da investigação, visto que os obstáculos “adquirem maior dimensão” (Coelho, 2015, p.114), quando se trata do meio televisivo.

Ainda no segundo capítulo, mas já num segundo momento, são tidas em conta as especificidades do jornalismo de investigação, nesse seguimento, o perfil do jornalista de investigação e, por último, um subcapítulo associado aos consórcios de investigação. Autores como Pedro Coelho e Marisa Torres da Silva (2018), David Randall (2016), Dean Starkman (2014), defendem a separação de conceitos de jornalismo de investigação e jornalismo quotidiano, ao longo das suas obras, uma vez que “o jornalismo de investigação começa no ponto onde o trabalho diário termina” (Randall, 2016, p.127). O processo de criação de uma peça de investigação necessita de uma base estruturada que vise e que permita alcançar o tão desejado lucro social. Ambos são necessários, porém o jornalismo de investigação tem intrínseco uma atitude diferenciadora que distingue quem o pratica (Coelho & Silva, 2018). Tendo em consideração as características deste jornalismo e os desafios enfrentados diariamente, o trabalho em consórcio será desenvolvido como uma eventual solução. Neste sentido, é usado como exemplo o caso da Daphne Caruana Galizia, a jornalista que foi assassinada por desafiar o poder de Malta. Assim, jornalistas de todo o mundo organizaram uma rede de cooperação para continuarem as investigações iniciadas pela jornalista Daphne Galiza.

Concluído o enquadramento teórico, o “Capítulo III” desenvolve a caracterização da investigação. A pertinência do estudo é o primeiro tópico explorado. Perceber se existe jornalismo de investigação é relevante para quem faz, mas principalmente, para quem vê. Embora, seja apreciado por muitos, a dificuldade marcada pela exigência do processo é um desafio que poucos aceitam. Posteriormente, será apresentada a metodologia mista, que se desenvolve a partir da análise de conteúdo e da observação participante, permitindo apresentar e desenvolver os resultados que serão discutidos no “Capítulo IV”.

No “Capítulo IV” tentaremos obter respostas às duas perguntas de investigação que acompanharam o estudo. **P1:** Existe jornalismo de investigação no programa *Exclusivo*? Se sim quais são as suas características? **P2 (complementar):** Como é feita a construção de uma reportagem de investigação?

Capítulo I: Caracterização do órgão de comunicação social e do estágio

I.1. Media Capital: *TVI* e *CNN Portugal*

O Grupo Media Capital¹ nasceu a 1992. O início da expansão ocorreu em 1997, quando o grupo adquiriu as rádios Comercial e Nostalgia. Em 1999 concretizou-se a compra -que teve início em 1997- e assim o grupo passou a ter em sua posse mais de 90% do capital da *TVI*.

Em 2002, o grupo deu um importante passo no investimento na ficção e na produção de conteúdos televisivos para a *TVI*, quando adquiriu a empresa Nicolau Breyner Produções (NBP). No ano seguinte, em 2003, a Media Capital, em parceria com a Castello Lopes, passou a fazer parte da área da distribuição cinematográfica e da edição discográfica com a criação da *MC Entertainment*.

A Media Capital entrou na bolsa em 2004, levando a que o grupo ganhasse mais valor e consequentemente mais visibilidade. No ano de 2005, o Grupo Prisa passou a assumir a gestão executiva e, em 2007, conseguiu deter quase a totalidade do capital do grupo. No entanto, a empresa Prisa vendeu a sua parte em 2020 e, assim, a principal acionista da Media Capital, detentora de 30,22%, passou a ser a Pluris Investments, S.A.

A empresa Media Capital e a *CNN* delinearam um acordo de licenciamento, a 24 de maio de 2021, que tinha como objetivo a criação da *CNN Portugal*. No dia 22 de novembro do mesmo ano, às 21 horas, iniciaram-se as programações da *CNN Portugal* substituindo, desta forma, a *TVI 24*.

Também num acordo, mas neste caso com o Grupo Bauer, a Media Capital vendeu 200.000 ações da subsidiária Media Capital Rádios. Sendo assim, as rádios *Cidade FM*, *M80*, *Rádio Comercial*, *Smooth FM* e *Vodafone FM* passaram a integrar, desde maio de 2022, uma das principais emissoras de rádio comercial e digital da Europa. A venda no valor de 69.8 milhões de euros, revelou, assim, a vontade de acelerar o desenvolvimento da produção da Media Capital. A criação digital e audiovisual tornou-se uma das principais ambições do grupo, com o intuito de fortalecer pilares tanto fora como dentro da televisão.

¹ <https://www.mediacapital.pt/p/11284/hist%C3%B3ria/>

1.1. 31 anos de *TVI*

A *TVI*, Televisão Independente S.A., iniciou a emissão a 20 de fevereiro de 1993. Inicialmente, só Portugal Continental é que tinha acesso, mas, em 1994, a emissão foi alargada até aos arquipélagos. O facto de ter sido fundada pela Universidade Católica Portuguesa e pela Rádio Renascença marcou um início fortemente influenciado pela Igreja Católica.

O canal² era o segundo privado e o quarto canal televisivo generalista, o que levou a que a *TVI* ficasse conhecida pelo público como a “4”. Desde a sua criação que a programação está dividida entre informação e entretenimento com uma grande diversidade de conteúdo.

A estação televisiva teve algumas dificuldades em erguer-se. As audiências eram baixas e as receitas publicitárias não eram suficientes. Contudo, em 1997, o grupo Media Capital comprou 30% do capital da estação televisiva, mas foi em 1999 que o grupo passou a ser detentor de mais de 90% da *TVI*. Um impulso crucial para o crescimento do canal.

A reformulação permitiu, assim, que a *TVI* se juntasse aos canais concorrentes na corrida às audiências. Com esse objetivo em mente, o canal apostou na produção nacional de telenovelas e programas juvenis, como é o exemplo da série *Morangos com Açúcar*. Os resultados foram melhorando. Efetivamente, a transmissão do *Big Brother* foi um ponto marcante no crescimento, levando as audiências a acompanhar com surpresa e curiosidade o *reality show*.

Em 2005, a Prisa, uma empresa espanhola, passou a ser a principal acionista, com 94,6% das ações da Media Capital (grupo detentor da *TVI*). Ainda nesse ano, o canal “4” atingiu o objetivo de muitos anos: ultrapassou o principal canal concorrente, a *SIC*, e tornou-se líder de audiências³, lugar que ocupou durante 12 anos, mas que perdeu em

² <https://mcnews.iol.pt/geral/17-02-2021/chamava-se-4-e-queria-fazer-diferente>

³ <https://www.publico.pt/2019/03/01/sociedade/noticia/sic-bate-audiencias-tvi-cristina-ferreira-1863843>

fevereiro de 2019. Desde aí, entre novos formatos, diversidade de programação e contratações de profissionais, a *SIC* e a *TVI* lutam pela liderança.

Em 2009, a *TVI* estendeu-se para a televisão por cabo com o canal de informação *TVI24*. Os anos seguintes ficaram marcados pela criação de outros canais onde foi permitido à estação televisiva posicionar-se mesmo para além de fronteiras. Assim, surgiram a *TVI Internacional* em 2010, a *TVI Ficção* em 2012, já em 2015 nasceu a *TVI Reality* e a *TVI Africa*.

Atualmente, José Eduardo Moniz ocupa o cargo de diretor-geral da *TVI*, e Hugo Andrade é diretor adjunto da estação televisiva. No que diz respeito à informação, Nuno Santos ocupa o cargo de diretor de informação da *TVI* e da *CNN Portugal*. Frederico Roque de Pinho é diretor executivo de televisão, e Pedro Santos Guerreiro ocupa a posição de diretor executivo do digital e estratégia.

Quer na *TVI* como na *CNN Portugal*, Raquel Matos Cruz é subdiretora de conteúdos e planeamento, e Paula Oliveira é subdiretora operacional e de convergência. Neste seguimento, o subdiretor de eventos especiais, meios e comunicação interna é Joaquim Sousa Martins.

1.2. 2 anos de CNN Portugal

O acordo de licenciamento definido a 24 de maio de 2021 entre a empresa *Media Capital* e a *CNN*, pertencente à empresa norte americana, *Warner Bros. Discovery*, levou à criação da *CNN Portugal*.

Às 21 horas, do dia 22 de novembro do mesmo ano, iniciaram-se as emissões do novo canal de informação que substituiu a *TVI 24*. Para ter acesso a este canal de informação português é necessário ser assinante de uma operadora, no entanto, o acesso é gratuito no *web site*⁴ do canal.

⁴ <https://cnnportugal.iol.pt/direto>

Desde o início, que o *slogan*: “Em todas as frentes” acompanha o canal. Uma lista abrangente de programas de informação, com espaço aberto para o comentário de diversas especialidades -desporto, atualidade, política nacional e internacional- marcam o dia a dia e o espaço mediático. A *CNN Portugal* vive do comentário em direto sobre os variados assuntos. A representatividade e diversidade de opiniões é tida em conta já que o canal concede muito espaço ao comentário.

1.2. A escolha da *TVI*

No momento de escolher a entidade onde iria fazer o estágio, deixei que ganhasse espaço o fator da proximidade. Sempre consumi televisão e tinha vontade de que esta experiência de três meses fosse vivida perto das câmaras. Em minha casa, é difícil conseguirmos ter um momento em família, por força do trabalho e dos estudos. Então, durante as refeições, a televisão e a *TVI* acabaram por estar presentes nos momentos de família. Podendo escolher, a minha primeira opção seria a *TVI*, seguida pela *SIC*.

Na eventualidade de não se concretizar, não ficaria desanimada, pois, em cima da mesa, também estava a possibilidade de experimentar rádio ou imprensa. No entanto, o meu entusiasmo para experimentar televisão era muito maior, comparativamente com outros meios. Era a oportunidade certa para “ganhar mundo”, como afirmou várias vezes a professora Dora Santos Silva ao longo das aulas.

Escrever as duas cartas de motivação para as empresas de comunicação não foi difícil. Sabia muito bem o “porquê” de querer, só tinha o desafio de escolher as palavras mais adequadas. Sempre achei complexo falar sobre mim e descrever-me numa página, acompanhada por um currículo que resume 23 anos de vivências e experiências, é algo que considero desafiador.

As entrevistas dos meus colegas que tinham colocado a *SIC* em primeira opção foram mais rápidas. Em março, já sabiam se tinham passado e quando iam começar o estágio. Já eu, nem sabia se o *email* tinha chegado aos recursos humanos da Media Capital. Porém, os professores disseram que fazia parte do processo e que o contacto costumava acontecer durante a interrupção letiva do verão.

Assim aconteceu. No dia 6 de julho, recebi um email enviado pela Rafaela Viegas, elemento da direção dos recursos humanos do Grupo Media Capital, a questionar-me se teria vontade de avançar para uma entrevista agendada para a manhã do dia seguinte, 7 de julho, às 11 horas, via *Teams*. Na altura, fiquei ansiosa, mas o desconforto teve de ser superado porque estava a trabalhar num restaurante, tinha pessoas para receber e pedidos para entregar. Na pausa do turno, fui, literalmente, a correr para casa para me preparar, estudar um pouco sobre a empresa, ler de forma mais aprofundada o que estava a acontecer na atualidade porque podiam surgir questões nesse seguimento.

Voltei ao trabalho. Turno do jantar e depois um ensaio com a minha irmã mais nova. Gosto tanto de falar e, nesse momento, parecia que me faltavam as palavras para completar as frases. Quem me ouviu dizia que desenvolvia fluidamente o pensamento. Será que eram os meus ouvidos a enganar-me?

No dia seguinte, fiz a entrevista na sala mais reservada do restaurante. A conversa foi tranquila. Gostei de falar sobre jornalismo, sobre o que sei e sobre o jornalismo das pessoas que já fazem da área profissão.

No final, a resposta foi do meu agrado. Mas diferente do que estava à espera. Supostamente, o estágio seria na redação da *CNN Portugal*.

I.3. O estágio

No dia 4 de setembro de 2023, conheci o percurso que viria a fazer durante três meses. Fui direcionada para a área do *desk* da *CNN Portugal*, mas nesse dia apenas consegui iniciar a sessão no ambiente de trabalho, já que as minhas credenciais não me permitiam avançar e entrar no *Inews* (programa utilizado para distribuição de trabalho e alinhamento). Nessa tarde, a subdiretora de informação procurou a equipa de estagiárias que chegaram nessa manhã, grupo em que estava incluída. Houve uma conversa de apresentação, na qual nos explicou que estaríamos sob a sua orientação e que poderíamos mudarmos de secção e passar a integrar a equipa do digital.

Como não tive propriamente trabalho nesse dia, consegui observar o ambiente das equipas que estavam no mesmo espaço do *desk*. Sem saber muito bem o que faria um jornalista nesta secção, à primeira vista, o trabalho na equipa do digital parecia mais desafiante.

A equipa do digital era composta por profissionais de várias idades, o que me levou a pensar que podia ser uma oportunidade de aprender com as experiências de cada um. No entanto, persistia a dúvida sobre o que seria o *desk*, e eu mantinha a esperança de que, além das inúmeras tarefas, surgisse a possibilidade de sair para a rua, conversar com as palavras as pessoas e criar minhas próprias peças.

Decidi não mudar e dei uma oportunidade ao *desk*.

A primeira semana é fácil de resumir. Durante esse período, tentei habituar-me à rotina da redação e aprendi a utilizar os programas necessários. No caso da edição visual, o programa utilizado é o *RIO*. Portanto, fui testando e tirando notas sobre o seu funcionamento.

Ao longo dessa fase, também conheci os jornalistas que integravam a equipa e consegui recolher alguns conselhos sobre o trabalho desempenhado. Percebi assim que não teria a possibilidade de sair para a rua, falar com as pessoas e fazer as minhas próprias peças. Habitualmente, não é esse o trabalho atribuído a um jornalista do *desk* e, muito dificilmente, seria o trabalho dado a uma estagiária.

No *desk*, são elaborados os *offs*⁵ para os pivots lerem, tanto para a introdução da reportagem quanto para o texto da peça nos casos em que não há áudio ou intervenção do jornalista na reportagem. Os leads, oráculos dos entrevistados, datas, localizações e informações sobre o meio de onde foi retirada a informação que normalmente surge nas laterais são tarefas atribuídas a esta equipa. Literalmente, estes profissionais estão em cima do acontecimento, com a atenção nas agências de comunicação como *Lusa*, *Reuters* e *Associated Press*, mas ao mesmo tempo nas redes sociais.

Quando algum interveniente profere conteúdo jornalisticamente relevante, ocorre o que chamamos de “cortar bocas”, que consiste em seleccionar as declarações mais

⁵ O *off* é o texto que é narrado pelo jornalista para fazer a cobertura das imagens que integram a peça.

relevantes para serem transmitidas ou comentadas nos programas. Este formato é muito característico do estilo da *CNN Portugal*. Devido à ligação à *CNN Internacional* também há a necessidade de adaptar as peças ao programa português.

Quando faltam imagens para a reportagem, estes jornalistas têm de criar um vídeo para construir visualmente a notícia. O material obtido no terreno ou o relacionado com o tema é apelidado de “bruto” no momento da edição. Estas informações podem ser fornecidas pela equipa que está no terreno ou por agências de notícias, como é o caso da *Reuters* e da *Associated Press*. O material encontrado nas redes sociais também pode ser utilizado, mas deve estar devidamente identificado. Além disso, o arquivo da redação também é frequentemente utilizado na construção de peças televisivas.

Inicialmente, os jornalistas e os editores de secção aconselharam-me a ocupar o meu tempo a fazer testes enquanto não me era atribuído trabalho. Como a metodologia e a própria rotina eram diferentes do que estava acostumada, aproveitei os períodos mais calmos para conhecer as experiências dos meus colegas e para anotar todas as dicas num caderno que me acompanhou durante os três meses.

Fui trabalhar no primeiro fim de semana, que acabou por coincidir com o terramoto em Marrocos do dia 9 de setembro. Abalou a redação porque ao fim de semana estão menos jornalistas a trabalhar e, nestes momentos, a *CNN* costuma ter um posto de escuta que tem a função de ir resumindo os últimos momentos do ocorrido com imagens que chegam à redação.

Como não estava habituada ao sucedido, senti que não fui a maior ajuda ou, pelo menos, a ajuda que gostava de ter sido. No entanto, procurei conteúdo que ainda não tínhamos no sistema para auxiliar a jornalista Cláudia Valente na preparação do posto de escuta que, esta, estava a apresentar.

No decorrer do fim de semana, o editor atribuiu-me alguns *offs*, o que me deixou bastante satisfeita e, ao mesmo tempo, nervosa, porque estava com receio de me esquecer de algum pormenor. Antes dos textos serem lidos, ainda passaram pelos editores, que habitualmente dão o “sim” final. Fiquei satisfeita porque não alteraram nada e, pela primeira vez, senti-me parte da equipa.

Comecei a gostar do trabalho que desempenhava, porém era pouco para a vontade que tinha. Em cima da mesa estavam duas questões: os editores tinham por hábito atribuir tarefas aos jornalistas que já pertenciam à equipa e o segundo tópico cruzava-se com o facto de a equipa de estagiários aumentar à medida que o tempo ia passando, o que se tornava ainda mais desafiante na minha luta para encontrar o meu lugar na redação.

No dia 20 de setembro, recebi uma mensagem da subdiretora, Paula Oliveira, a informar-me que iria passar a integrar a equipa da Redação Central a partir do dia 25 desse mês. Esta alteração deixou-me satisfeita, pois nesta secção havia a possibilidade de ser mais criativa e fazer as próprias peças. Contudo, tentei não elevar as expectativas até perceber como funcionava a dinâmica do departamento.

Em retrospectiva, a minha experiência no *desk* serviu para me ambientar e para desmistificar alguns pensamentos que tinha sobre uma equipa desta dimensão. Os jornalistas surpreenderam-me. Com idades próximas da minha, a partilha de testemunhos foi bastante tranquilizadora, já que me ajudaram a acalmar dúvidas que prevaleciam no meu pensamento.

A redação da *TVI* é partilhada com a do canal da *CNN Portugal*. Os jornalistas, editores, colaboradores e outros profissionais trabalham para ambos os canais. Logo, as peças podem ser transmitidas nos dois espaços televisivos.

Então, a mudança em termos físicos consistiu na mudança de piso. O piso inferior era dividido pelo *desk*, digital, edição, editores, estúdios de informação e secção do internacional. Já o andar da Redação Central era dividido com outras secções como desporto, sociedade, economia, política, cultura, com a rubrica do *Exclusivo*⁶ e com alguns escritórios da direção.

A secção que ia passar a integrar era a responsável pelas peças diárias dos noticiários da *TVI*, principalmente. Tendo em conta as notícias de cada dia, assim era dividido o trabalho. Já que o período de estágio coincidiu com instabilidade política e económica, vi muitas peças a serem feitas integradas nesse contexto. Greves de várias profissões pelo país, a situação nos hospitais e a tentativa de conseguir falar com os responsáveis políticos foram temas intensamente trabalhados. Além disso, os temas do

⁶ O *Exclusivo* integra o Jornal Nacional, às sextas-feiras. É Coordenado pela jornalista Sandra Felgueiras e identificado como jornalismo de investigação. Esta rubrica fará parte da análise presente no Capítulo III tendo em conta o tema do presente relatório de estágio.

dia a dia, como eventos, iniciativas, projetos, também costumam ser trabalhados pela Redação Central.

Inicialmente, comecei por verificar as saídas marcadas no *Inews* para poder perguntar ao jornalista responsável por esse trabalho se podia acompanhá-lo. Os profissionais foram sempre muito atenciosos, desde o momento de esclarecer dúvidas e dar conselhos até ao momento de estar com eles no local a ver como efetivamente se pode fazer.

Destaco uma das saídas que tive com a jornalista Ana Botto, no dia 24 de outubro, para o primeiro dia de julgamento do caso da Sara Carreira. Não fiz nada em contexto jornalístico, mas aprendi muito a ver. Lidei com os meus pensamentos durante o julgamento e observei a eficiência da jornalista em gerir informação para preparar um direto.

A minha primeira saída foi à conferência de imprensa da PSP para o dérbi Sport Lisboa Benfica- Futebol Clube do Porto, no dia 28 de setembro. Até esse dia, só tinha acompanhado o trabalho de outros jornalistas, mas, nessa saída, percebi que seria eu a jornalista e a responsável. Senti-me nervosa e acredito que a minha voz podia ter tremido, mas ao mesmo tempo percebi que estava a ser útil para à equipa.

Desporto não é a área em que me sinto mais confortável, o que me fez refletir sobre a necessidade de dominar a atualidade, quer gostemos ou não. No espaço das questões dos jornalistas, perguntei quais eram as medidas destinadas às claques dos clubes, já que era um jogo com risco elevado. O momento em que me identifiquei Cristiana Melo para a *CNN* ainda entoa nos meus ouvidos.

Depois da prestação, a editora de sociedade, Ana Candeias, atribuiu-me uma saída para a que viria a ser a minha primeira peça⁷. Em causa estava a inauguração do primeiro banco alimentar para gatos em colónias de Lisboa. No entanto, o meu primeiro desafio foi criar, em termos visuais, a história, visto que no evento só estavam cães. Em televisão, as imagens falam, mas o texto que desenvolvi tinha de colar de forma subtil o que era notícia e a realidade vivida no evento.

Normalmente, as equipas são compostas por dois elementos: jornalista e repórter de imagem. Ainda assim, a história é criada pelo jornalista e o repórter de imagem torna

⁷<https://tviplayer.iol.pt/programa/tvijornal/63ef5eb50cf2665294d5f87a/video/652bd2260cf23250d70b96ba>

a narrativa possível. Por isso, discuti com o repórter de imagem, Nuno Bayer, o ângulo que gostava de abordar. Percebeu as minhas ideias e ajudou-me a obter planos visuais para construir a minha peça.

No local, falei com Pedro Paiva, Provedor dos Animais de Lisboa, Ângelo Pereira, Vereador da Câmara de Lisboa, um senhor que adotou, uma senhora que trabalhava num refúgio e Joana Araújo, que é uma apoiante do projeto. Fiz um esforço para obter vários testemunhos, todavia, o tempo não é ilimitado, uma vez que a peça teria pouco mais do que dois minutos. As pessoas nem sempre dizem o que eu imaginava, então percebi que preferia ter material a mais do que a menos.

Quando cheguei à redação cortei os “vivos”, que são as partes das entrevistas mais relevantes para a peça. De seguida, o texto foi desenvolvido tendo em conta o material recolhido e a história que queria contar.

Percebi que os jornalistas eram muito mais rápidos do que eu, contudo, tentei não ficar pressionada, já que os editores me davam espaço para criar conforme a minha vontade. Desenvolvi o hábito de, depois de redigir a peça, enviar para a editora da Redação Central, Ana Candeias. Tanto para esta peça, como para as que desenvolvi durante o estágio, tive sempre em conta as sugestões da minha editora já que há diferenças de escrita de formato para formato. Uma das minhas ambições era desenvolver competências de escrita televisiva e, neste sentido, este acompanhamento foi crucial para fazer questões e para aprender com alguém que “conta histórias” há muitos anos.

Como estagiária não tinha permissão para dar voz nem assinar as peças, o que me deixou um pouco desanimada, pois tinha de procurar um jornalista para gravar o texto que tinha redigido. Depois disso, juntava a gravação do jornalista aos vivos que tinha selecionado e aguardava por um editor de imagem que estava responsável por participar no processo de construção visual das peças.

Tive a possibilidade de colaborar com um trabalho do jornalista Pedro Filipe Silva. A peça estava a ser desenvolvida tendo em conta o Dia Internacional da Erradicação da Pobreza, que ocorre no dia 17 de outubro, e um estudo da PORDATA. Em 2021, cerca de 1,7 milhões de portugueses estavam em risco de pobreza, e, nesse sentido, o jornalista pretendia perceber como, atualmente, os portugueses distribuem os salários com as despesas, as dificuldades que surgiram com a inflação e se ainda é possível poupar. Nesse seguimento, o jornalista Pedro Filipe Silva pediu-me para ir para as ruas de Benfica e da

Amadora fazer um *vox pop*⁸. Os não foram bastantes, mas as pessoas que falaram tiveram declarações interessantes para a reportagem⁹.

Durante os dois meses que estive na Redação Central, foram inúmeros os *vox pops*¹⁰ que fiz. Frequentemente, recorre-se a este tipo de formato na esperança de encontrar testemunhos variados e respostas imediatas, algo que a televisão e o seu estilo acelerado valorizam.

Nos casos em que os jornalistas me pediram para recolher conteúdos para peças que não eram minhas, o grande desafio foi efetivamente perceber qual era a história que o próprio jornalista estava a idealizar para conseguir corresponder às expectativas. Contudo, em alguns casos, mesmo com a explicação fornecida, foi mais difícil perceber o que era desejado e, consequentemente, obter material relevante para a peça.

Exemplo disso, foi o *vox pop* que fiz para uma peça sobre a *Black Friday*,¹¹ da jornalista Isabel Semedo. O objetivo era entender se os portugueses estavam a pensar ir às compras, quais seriam os produtos mais procurados e qual era a ligação existente com este tipo de iniciativas. A dificuldade não estava em perceber o tema, mas sim em encontrar pessoas com declarações relevantes. Mesmo com uma explicação, era difícil compreender exatamente o que a jornalista ambicionava para a sua peça. No entanto, tentei ser os olhos e os ouvidos no terreno para recolher os testemunhos relevantes.

A editora da minha secção, Ana Candeias, agendou-me uma saída para a tarde de dia 24 de novembro com a informação que seria um encontro de fãs com dois dos jovens atores que participam na mais recente temporada dos Morangos com Açúcar, na *Lisboa Games Week*¹². Quando cheguei ao local, percebi que tinha havido um problema de comunicação e que não me tinha sido transmitida a informação correta. Falei com a editora e mudei o ângulo da peça⁹. Alterei o foco que seria supostamente a série juvenil para o maior evento de videojogos de Portugal. Por isso, tive de recolher novas imagens do espaço, perceber a diversidade de momentos que iam ser promovidos durante esse fim

⁸ Vox pop é um formato baseado em entrevistas rápidas na tentativa de recolher opiniões diversificadas

⁹<https://tviplayer.iol.pt/programa/jornalnacional/63e6588b0cf2665294d4f012/video/652ef6a90cf25f995386d978> [01:20:00- 01:22:47]

¹⁰ <https://tviplayer.iol.pt/programa/tvi-jornal/63ef5eb50cf2665294d5f87a/video/65562e2a0cf200ca935de91d> [20:25- 22:41]

¹¹ <https://tviplayer.iol.pt/programa/jornalnacional/63e6588b0cf2665294d4f012/video/655fb04c0cf265bc968a403e>

¹²<https://tvi.iol.pt/noticias/videos/quem-quer-jogar-desde-cosplayers-a-videojogos-a-games-week-chegou-a-lisboa/65611e990cf265bc968a70db>

de semana e encontrar fontes relevantes que partilhassem citações relevantes para explicar o sucedido.

Aprendi que quando elaboramos um plano, temos de estar preparados para o adaptar à instabilidade do terreno. Quanto mais tivermos presente esse pensamento, mais capazes seremos de planear com rigor. A pesquisa faz parte da natureza intrínseca do jornalismo, mas, percebi com a experiência deste estágio, que o inesperado também.

A ligação que desenvolvi com Ana Candeias e Pedro Pinheiro, os editores da Redação Central, permitiu que me sentisse confortável para sugerir peças. Algumas ficaram pelo caminho, outras foram em frente e ganharam o seu espaço no alinhamento dos noticiários. O trabalho que fizemos e a confiança depositada em mim foram cruciais para a minha vontade de querer fazer mais e melhor.

Aproveitei o dia do stress¹³, dia 1 de novembro, para sugerir uma peça sobre o assunto. Não quis descobrir, por exemplo, duas histórias de pessoas que sentem stress e falar apenas sobre isso. É um assunto do dia a dia presente na vida de todos, por isso, tentei trazer, entrelaçado na peça, o fator novidade e conseguir chamar a atenção.

Tive em conta a atualidade vivida pelos portugueses que pode ser causadora de stress. Recorri ao frenesim das ruas da Praça Duque de Saldanha, uma vez que acreditei que fosse um local interessante para encontrar pessoas com vidas acelerados e exemplos de stress. Para complementar, entrevistei a vice-presidente da Ordem dos Psicólogos Portugueses, Renata Benavente, para obter um testemunho profissional sobre o tema.

Na edição, foi desafiante e ao mesmo tempo cativante verificar o quão impactante pode ser a escolha de imagens que complementam os testemunhos. Todos os aspetos conjugados valorizaram a peça e deixaram-me satisfeita com o resultado.

As oportunidades que tive durante este período fazem-me valorizar este estágio, mesmo que não tenha surgido a proposta para continuar. Desse modo, a chance de cobrir a primeira sessão do espetáculo da Bela Adormecida¹⁴, de Filipe La Feria, e conseguir desenvolver uma peça, foi algo que me deu muita satisfação. Tentei transparecer a beleza de um conto de fadas para todas as idades, ao mesmo tempo que revelei como as personagens foram construídas.

¹³<https://tviplayer.iol.pt/programa/jornal-nacional/63e6588b0cf2665294d4f012/video/6542a8ac0cf265bc9686d960>

¹⁴<https://tviplayer.iol.pt/programa/tvi-jornal/63ef5eb50cf2665294d5f87a/video/65439a620cf23250d70e6171>

Assim, percebi que me deu imenso gozo construir peças ligadas à cultura, já que é permitido fazer jogos de palavras interessantes e ouvir, em primeira mão, as ambições dos artistas. Nesse contexto, os *D’ZRT*, banda que ficou conhecida na série juvenil dos Morangos com Açúcar, já tinham anunciado o regresso em 2022, no entanto, desconhecia-se que os *Four Taste* e as *Just Girls* tinham voltado.

Portanto, fiquei responsável por anunciar o regresso, que se concretizava num concerto das três bandas¹⁵, no palco do Passeio Marítimo de Algés. Entrevistei os elementos das três bandas e assisti à gravação de uma parte da campanha de divulgação do concerto, que utilizei na construção da peça.

Devido à rotina televisiva e à imprevisibilidade do jornalismo, por vezes, as peças que abordam temas gerais não ganham espaço no noticiário do dia, todavia, não foi o caso da próxima peça. Esta teve de sair no dia 31 de outubro porque era o último dia de inscrições para o projeto que estava a ser divulgado. No dia seguinte, já não era notícia, era só uma informação.

O objetivo era divulgar um projeto de alunos universitários para estudantes do ensino secundário de todo o país. Era importante tornar a peça interessante e cativante para dar a conhecer a dinâmica. Durante a entrevista, sugeri que criássemos uma sessão de explicações para que quem tivesse possibilidade de ver a peça passasse a perceber a dinâmica do projeto. A par disso, os resultados obtidos pela associação *ExplicaMisto*¹⁶ revelam o sucesso e o crescimento que têm atingido, nos últimos anos. Portanto, tentei guiar as conversas com os entrevistados para que revelassem alguns desses valores.

O meu último trabalho correspondeu a uma peça sobre selos¹⁷, em comemoração ao Dia da Filatelia, que ocorreu a um de dezembro. Na fase de encontrar fontes adequadas, cheguei à proprietária da Filatelia do Chiado, a um dos responsáveis da Federação Portuguesa de Filatelia em Portugal e a um jovem de 16 anos que compete com a sua coleção de selos. A peça passava por dar a conhecer o gosto pela filatelia que pode chegar à competição e, assim, perceber o valor dos selos atualmente.

¹⁵<https://tviplayer.iol.pt/programa/tvi-jornal/63ef5eb50cf2665294d5f87a/video/655f47d30cf265bc968a2e9a>

¹⁶<https://tviplayer.iol.pt/programa/tvi-jornal/63ef5eb50cf2665294d5f87a/video/6540fd480cf23250d70e14b2>

¹⁷[Jornal Nacional - 14 de dezembro de 2023 | Jornal Nacional | TVI Player \(iol.pt\)](#) [1:30:28- 1:33:27]

A peça foi de encontro às minhas expectativas. O texto foi elaborado de forma subtil, frases simples que casaram muito bem com as imagens que tínhamos recolhido no terreno. O resultado final revelou um período de aprendizagem e de adaptação, mas confesso que, com a passagem do tempo, a confiança e o gosto em contar histórias para televisão cresceu. Absorvi as indicações que me foram dadas por quem faz do jornalismo vida e, não posso negar, também em mim cresceu a vontade de continuar a caminhada.

Ao longo da minha experiência vivida na Redação Central, que caracterizo como jornalismo quotidiano, o foco em me aproximar do jornalismo de investigação feito na TVI não ficou esquecido. A partir do momento em que estive no *desk* tentei trabalhar nesse sentido. Durante a experiência nessa secção, conheci o jornalista Luís Vigário que veio a demonstrar-se uma peça fundamental para a minha investigação em jornalismo de investigação já que este jornalista integrava a equipa do *Exclusivo*.

Expliquei-lhe o tema do relatório de estágio, e nesse seguimento, o jornalista ficou de criar a ponte com a responsável da rubrica, a jornalista Sandra Felgueiras. Em causa estava a possibilidade de acompanhar o trabalho desempenhado por esta equipa, algo que encarava como crucial se quisesse desenvolver o tema.

O “sim” demorou mais tempo a chegar do que desejava, mas depois de o conseguir, aproveitei a oportunidade na sua potencialidade. De forma concisa, conheci alguns elementos da equipa do *Exclusivo*, que me deram a conhecer perspetivas valiosas. Além disso, pude acompanhar diversas fases da investigação e da construção da peça. Esta informação será apresentada e desenvolvida no Capítulo III, onde farei a caracterização de investigação.

Capítulo II: Enquadramento Teórico

Uma vez que a análise apresentada terá em conta o programa de investigação da TVI, o *Exclusivo*, o seguinte enquadramento teórico terá no seu cerne o conceito de jornalismo de investigação.

Desta forma, para além das especificidades do termo, também a crise no jornalismo será desenvolvida. Consequentemente, iremos explorar o impacto da crise no campo da investigação e a repercussão no formato televisivo. Com base na experiência de estágio, estes tópicos são cruciais para o estudo de caso em questão.

II.1. Crise no jornalismo

A crise que tem impactado o jornalismo é sinalizada pelos contornos de difícil definição visto que, quer jornalistas, quer as redações, encontram-se anestesiadas (Lopes, 2016, p.72). O jornalismo que se tem vindo a expandir é aquele que se transformou numa “caixa de ressonância do poder dominante” (ibidem, p. 8). A “quebra de moral”, o “desinvestimento na especialização”, “os cortes duradouros” (Starkman, 2014, p.246), dificultam o trabalho dos jornalistas, já que “têm menos tempo para levantar as pedras” (ibidem, p.248), que ocultam a informação. Consequentemente, a investigação, a análise, os conhecimentos ficaram “ameaçados” apesar da crescente pluralidade de meios (Downie Jr & Schudson, 2009, pp. 8 e 9).

No entanto, o início desta crise “deve ser encontrado num outro tempo, que não o nosso, até num outro paradigma” (Coelho & Silva, 2018, p.75), já que “a verdadeira raiz do desafio” que limita o jornalismo ultrapassa “a mera aparência da digitalização” (Nordenstreng, 2009, como citado em Coelho e Silva, 2018, p.75). Franklin et al (2010), chegam a sublinhar que o declínio que afeta o jornalismo e, como consequência, o jornalismo de investigação, teve início na década de 70 do século passado. Por isso, o jornalismo de serviço público foi “a primeira e principal vítima” (Coelho & Rodrigues, 2020, p. 136), da crise que vivemos.

“Resultado de um empilhamento” (Romonet, 2011, p.127), o jornalismo foi impactado e vacilou, “ameaçando sucumbir, porque [mais] um fator externo poderoso

atacou a base que o sustenta” (Coelho & Silva, 2018, p.75). E qual é esta base? A tão protegida “credibilidade” (ibidem, p.75), que está a ser fortemente atingida pela “influência do mercado” (ibidem, p.75), e ampliada pela revolução tecnológica digital. Dimensão esta que levou a que o jornalismo se deparasse com um confronto entre duas vertentes. Em causa está a necessidade de gerar lucro financeiro e a inevitabilidade de gerar lucro social conhecida como “a espinha dorsal do jornalismo” (ibidem, p.78).

A eleição de Donald Trump como residente dos Estados Unidos da América, em 2016, é frequentemente estudada por teóricos do campo da comunicação. Vários *tweets* do ex-presidente dos EUA mencionavam o jornalismo numa tentativa de desvalorizar e desacreditar o trabalho e os próprios jornalistas. Pedro Coelho e Inês Rodrigues (2020) sublinham que esta eleição “ergueu muros em lugares inesperados” (ibidem, p.145), inclusive na democracia onde “os jornalistas não podem pensar que estão seguros” (ibidem, p.145).

A revolução tecnológica digital é um marco de viragem na história da sociedade e do próprio jornalismo dado que “afetou todo o ecossistema mediático” (Coelho & Silva, 2018, p.75). O impacto foi e é de tal dimensão que o autor Ignacio Ramonet chega a comparar a era do digital ao “meteorito que fez desaparecer os dinossauros” (2011, p.11). Surge assim uma dualidade: a nova era é uma aliada para o jornalismo e, simultaneamente, carrega inúmeros obstáculos que desafiam e fazem estremecer o campo jornalístico.

Ao mesmo tempo que o jornalismo sofre com desafios decorrentes das redes sociais, da desinformação e da publicidade, passa, também, por uma crise financeira. Os jornais, as rádios e as televisões gerem os poucos recursos financeiros disponíveis e os jornalistas veem-se obrigados a escolher entre realizar o seu trabalho ou demitirem-se devido à falta ou atraso nos salários.

1.1. Televisão: a caixa mágica

A televisão, conhecida como caixa mágica, desempenhou um papel importante no progresso e evolução social, já que tornou possível “um velho sonho da humanidade: o sonho de ver à distância” (Jost, 2015, p.9). Além disso, outro passo significativo foi a introdução da transmissão a cores.

Nos anos 90, ao mesmo tempo em que nasciam as empresas televisivas privadas, também nascia a promessa da garantia da diversidade. “Não se verificou” (Gradim, 2015, p.70), e o grande investimento que era e continua a ser direcionado para o entretenimento é dinheiro que não é utilizado para promover o jornalismo. Não está em causa a qualidade dos programas de entretenimento, mas sim a falta de investimento no jornalismo televisivo. Consequentemente, o jornalismo de investigação não é uma escolha feita com frequência na hierarquia de prioridades das televisões.

Analisar o mercado da televisão é uma tarefa complexa, já que o mesmo “está a mudar velozmente” (Coelho, 2015, p.1), o que tem levantado questões sobre o futuro da atividade televisão sendo que a mesma foi “durante décadas, uma das mais poderosas e influentes da história da comunicação” (ibidem, p.1).

O próprio meio televisivo tem vindo a ser confrontado com novos desafios como a “hiper-segmentação de públicos”, o “aumento do poder de escolha do espectador” e o “desencontro das conveniências” dos vários profissionais que estão ligados à televisão: “distribuidores, produtores, anunciantes, fabricantes e consumidores” (Filho, Sá & Serra, 2015, p.1). Neste sentido, o próprio papel do espectador sofreu alterações e passou a exercer uma função mais ativa e participativa em novas tarefas enquanto redistribuidor, produtor e programador de conteúdos (ibidem, p.1). A caixa mágica, além de estar numa “encruzilhada, enfrentando alterações tecnológicas e de mercado com que ninguém sonhara” (Gradim, 2015, p.69), também acaba por influenciar os meios e o próprio jornalismo. Se antes era o motivo para as pessoas voltarem mais cedo para casa para assistirem aos programas, hoje em dia já não é tão essencial e motivadora de multidões dedicadas. A situação transformou-se e, atualmente, há a possibilidade de ver fora de casa, ou de voltar a tempo graças à gravação (Starks, 2013).

Há alguns anos que se ouve que o fim da televisão está próximo (Jost, 2015, p.9), devido ao confronto com as redes sociais, com os novos suportes como telemóveis e tablets e com as questões relacionadas com a criatividade. Além do fator da mudança tecnológica, o modelo de negócio implementado no meio televisivo, tem vindo a dar sinais de enfraquecimento. Contudo, “a televisão insiste num esforço multimodal em acompanhar os seus espectadores a qualquer hora, em qualquer local, de qualquer género” (Filho, Sá & Serra, 2015, p.3).

Mas será que este percurso tem sido feito da forma correta? As conclusões não são lineares, mas os consumidores estão cada vez mais próximos da Internet do que da televisão. Tendo em conta a atualidade, “a confiança do público nos velhos media aparenta erodir-se, enquanto que os novos meios continuam a ganhar popularidade” (ibidem, p.5), entre todas as gerações, afetando os jornalistas e os telejornais.

“A uniformização das grelhas e um estreitamento de foco nos espaços noticiosos” (Gradim, 2015, p.70), limitam o jornalismo feito na televisão e a produção de qualquer mais valia social (Coelho, 2007, p.63). Mesmo que o próprio jornalista tenha conhecimento desta situação e que surja a vontade de se manifestar “em nome da manutenção do posto de trabalho, acomodam-se, conformam-se” e transformam-se em “reféns de uma proximidade demasiado próxima relativamente aos representantes da elite decisora” que não garante a qualidade dos trabalhos que são feitos. (ibidem, p.58).

Todavia, para além dos desafios impactantes, a televisão também regista momentos de crescimento que continuam a marcar a evolução da história. A banda larga permitiu a ligação permanente, possibilitando aproximar o público da televisão e promover o jornalismo de qualidade. Porém, a televisão necessita de continuar a adaptar-se “a novos papéis, como a seu tempo os meios que a precederam se adaptaram para acomodar a concorrência da caixa mágica” (Gradim, 2015, p.70).

James T. Hamilton (2016) não tem dúvidas de que as organizações que irão sobreviver no futuro serão aquelas que trabalharem com o objetivo de apresentar informação distinta da que outras oferecem. O jornalismo de investigação não fica de lado e, também este está em confronto com a necessidade de se reinventar. Mas para se atingir esse “ponto de viragem” (Matos et al, 2017, pp.9 e 10), é necessária a promoção de um modelo de financiamento reconstruído para proteger o jornalismo (Cagé, 2016).

1.2. Modelo de Negócio

As escolhas feitas pelos órgãos de comunicação articuladas com os desafios inerentes ao mercado nem sempre tiveram o fortalecimento do jornalismo como prioridade. O percurso, por vezes, leva a que o poder fique concentrado em algumas personalidades, os conhecidos “salvadores” (Cagé, 2016), que não são providos de motivação, de interesse e de competência para direcionar o meio.

O campo jornalístico encontra-se, atualmente, “a pagar os erros dos empresários que disponibilizaram os conteúdos das plataformas tradicionais na rede, acreditando que essa disponibilização gratuita” (Coelho & Silva, 2018, p.80), resolveria os problemas dos meios de comunicação. As audiências não registaram o aumento desejado e, por isso, a faturação proveniente da publicidade não serviu para reanimar as contas dos meios de comunicação (ibidem). É cada vez mais evidente que o modelo assente no pensamento de que “todas as notícias são à borla é, cada vez mais, uma miragem” (Cagé, 2016, p.68). Portanto, os jornalistas precisam agora criar conteúdo que valha a pena pagar.

Como sublinha Julia Cagé (2016), o objetivo das empresas jornalísticas “não é a maximização do lucro e a distribuição de dividendos aos acionistas, mas fornecer um bem público - informação de qualidade, livre e imparcial que sustente o debate democrático” (ibidem, p.90). Cagé explica que no caso dos Estados Unidos da América, em 20 anos, o investimento em publicidade caiu o equivalente a 0,5 por cento do PIB. A partir de 2010, a queda foi menor, no entanto, não de forma significativa ao ponto de se acreditar numa inversão (ibidem, p.47). Se a esperança para reanimar o modelo de negócio estava assente na publicidade, os exemplos práticos revelam a dificuldade dos meios em atingir os resultados planeados. As notícias já não são um meio usado pelos anunciantes para alcançar os públicos, pelo menos da forma como eram antes. Nem a *Internet* tem potencial suficiente para arrecadar publicidade de forma significativa para o jornalismo. Todavia, “os gigantes da tecnologia arrecadam as maiores fatias do bolo das receitas publicitárias, deixando apenas migalhas para as organizações jornalísticas” (Coelho & Silva, 2018, p.78).

Não obstante, existem modelos alternativos que permitem evitar a mão dos acionistas sobre os meios de comunicação, exemplo disso, é o caso de sucesso do *The Guardian*. O jornal inglês opta por proteger a sua independência editorial, por isso, ao longo dos anos, tem trabalhado considerando as mudanças no mercado. A forte ligação com os leitores, a posição internacional e a potencialidade do digital para o jornalismo são características presentes no modo de trabalhar do jornal.

Assim, um dos fatores que empurrou o jornalismo para uma crise pode tornar-se, agora, a corda a que o campo precisa de se agarrar para sair do poço.

Neste sentido, “os dispositivos tecnológicos, herdados da revolução digital, alargaram o alcance da mensagem jornalística a uma escala potencialmente global”

(Coelho & Silva, 2018, p.75). Neste seguimento, Kovach e Rosenstiel defendem que o jornalismo do futuro tem de estar conectado às pessoas que efetivamente procuram as notícias (2010, p.175).

Por exemplo, “nos Estados Unidos da América, o cenário pós-Trump, potenciou a vontade de retribuir financeiramente o bom jornalismo” (Coelho & Silva, 2018, p.80). Por consequência, registou-se um aumento de 16% que se concretizou no pagamento de notícias online, donativos e assinaturas. O *New York Times* conseguiu registar um crescimento de “500 mil novos subscritores nos seis meses após as eleições” (ibidem, p.80), de novembro de 2016.

Por isso, são vários os que acreditam que o próximo modelo de negócios aplicado ao jornalismo tem de ter em conta as necessidades e valores do campo, mas não pode deixar de lado o contexto em que se insere (Cagé, 2016; Coelho & Silva, 2018; Coelho & Rodrigues, 2020; Kovach & Rosenstiel, 2010). Os “ganhos financeiros”, as “audiências alcançadas” (Anderson, 2004, p.9), a “dependência direta do mercado” e o “poder político” (Coelho & Silva, 2018, p.18), exercido no próprio campo, não deverão ser preocupações de primeira instância no momento de desenvolver uma peça jornalística. O *Non Profit Media Organization* (NMO) é o modelo proposto pela autora Julia Cagé e este está apoiado em palavras de ordem como “capitalismo, financiamento colaborativo e democracia” (2016, p.137). À medida que o NMO valoriza e salvaguarda “o quadro de valores” do jornalismo, “a sua base sagrada” (ibidem, p.91), também tem em conta o controlo do mercado para conseguir reerguer o jornalismo (Coelho & Silva, 2018, p.91).

O NMO pode ser uma (boa) opção, pode até ser o resgate que o jornalismo precisa. Apesar disso, a aplicação do modelo nos meios de comunicação ainda não aconteceu, pelo menos, à velocidade e à dimensão que pudesse trazer resultados impactantes no salvamento do jornalismo.

1.2. Impacto da crise no jornalismo de investigação

Os fatores que condicionam e prejudicam a sustentabilidade do jornalismo “adquirem maior dimensão” (Coelho, 2015, p.114), no meio televisivo. Deste modo, “a televisão não é considerada a plataforma por excelência da investigação jornalística ou sequer do próprio jornalismo” (ibidem, p.114).

A instabilidade sentida não facilita o trabalho dos jornalistas, muito menos o trabalho de um jornalista de investigação. A investigação jornalística colide de frente com as adversidades e este tem tido ainda mais dificuldades em superá-las. Neste sentido, a “desintegração dos alicerces financeiros” que levaram aos “cortes constantes” (Starkman, 2014, p.246), deram ao jornalismo de investigação o papel de “primeira e principal vítima da crise de sustentabilidade” (Coelho & Rodrigues, 2020, p.136).

A joia da coroa do jornalismo, o jornalismo de investigação, que se debruça sobre os assuntos sérios que afetam diretamente as pessoas, em matéria de política, negócios, corrupção, etc. é agora uma raridade por causa dos custos associados, mas também porque as redações estão a reduzir jornalistas, permanecendo, os que restam, cada vez mais presos à secretária (Anderson, 2007, p.62).

Quando se concentra a atenção no panorama nacional verifica-se que “o desinvestimento (...) adquire contornos mais agudos num país como Portugal” (Coelho & Silva, 2021, p. 31). Tendo em conta os programas de jornalismo de investigação televisivo dos canais generalistas podemos revelar a escassez do mesmo na programação. A *RTP* conta com o programa *Prova de Factos*, desde 2022, a *SIC* tem o *Grande Reportagem*, desde 1996. Já a *TVI*, desde 2022, dispõe do programa *Exclusivo* que será analisado no Capítulo III e IV da presente dissertação. Habitualmente, os programas de investigação da *RTP* e da *TVI* são transmitidos semanalmente, à sexta-feira. Porém, a *Grande Reportagem*, da *SIC*, não tem dia predefinido para emissão, mas apresenta várias reportagens ao longo de cada mês.

É relevante que exista, mas o espaço ocupado pelo jornalismo de investigação, no meio televisivo, é pouco e insuficiente. Ainda que esta crise pese na balança e limite o trabalho de quem escolhe o jornalismo de investigação, “cada dólar investido numa reportagem de investigação pode gerar centenas de dólares em benefícios para a sociedade, que decorrem de mudanças de políticas públicas” (Hamilton, 2016, p.10). O jornalismo de investigação integra “um ciclo de reforço, onde a qualidade produz o sucesso do negócio que permite mais qualidade” (Meyer, 2004, como citado em Coelho & Rodrigues, 2020, p.138). É esta mesma “qualidade” que os jornalistas protegem na tentativa de não ser abalada pela limitação de recursos causada pela crise.

Entende-se assim que o jornalismo de investigação é “mais fortemente elogiado do que verdadeiramente praticado” (Neveu, 2005, como citado em Coelho & Silva, 2018, p.83). Para os meios de comunicação e, principalmente, para a televisão, o próprio tempo “investido em cada um destes trabalhos ameaça transformar-se em elemento dissuasor” (Coelho, 2015, p.117), visto que “são poucos os que aceitam entregar-se à tarefa, pelos riscos e exigências que a mesma transporta” (Coelho & Silva, 2018, p.83). Todavia, os resultados do notável trabalho podem chegar através das “audiências que tem conquistado” (Coelho, 2015, p.117), e, desta forma, fazer jus ao tempo cedido.

Assim sendo, a variável tempo é um dos muitos traços que torna o jornalismo de investigação “distintivo”, “poderoso, quando tem de ser poderoso”, “independente”, “criador de valor”, “promotor de valor”, “promotor da agenda”, “construtor de confiança junto do público” ao mesmo tempo que explica os “problemas complexos e pede contas aos poderosos” (Starkman, 2014, p.9).

No próximo tópico serão desenvolvidos o conceito de jornalismo de investigação e as camadas que o distinguem do restante domínio do jornalismo. Ao mesmo tempo que combate a crise que condiciona o campo, o próprio jornalismo de investigação tem a responsabilidade de monitorizar “o exercício do poder” (Coelho, 2015, p.105), responsabilizar os que governam, proteger a democracia e denunciar os “casos de corrupção e abuso de poder” (ibidem, p.105), participando na construção de uma sociedade livre.

II.2. Especificidades do jornalismo de investigação

Jornalismo de investigação é um conceito que começou a ganhar forma, mesmo antes de ser apelidado como tal. Para alguns teóricos é considerado o “jornalismo sério, cuidadoso e honesto” (Mcloughlin, 2007, p.420), e até uma “forma superior” (Coelho & Silva, 2018, p. 73 e 83). Contudo, a divisão entre jornalismo de investigação e jornalismo quotidiano (ibidem, p.82), não é aceite nem por todos os teóricos, nem por todos os jornalistas. O autor Carl Bernstein é um desses exemplos visto que rejeita a distinção entre conceitos. Desta forma, o autor encara o jornalismo como algo que já predispõe o ato de investigar (Bernstein & Woodward, 1974).

Ambos necessários para atingir a missão, mas acabam por ser duas atitudes diferentes perante o jornalismo. O autor David Randall apresenta uma fronteira entre os dois conceitos “a investigação começa no ponto em que a ação quotidiana para” (2016, p.128). Assim, “a predisposição para escavar” (Anderson & Benjaminson, 1976, p. 3), transforma-se na base que sustenta o jornalismo e que o separa. Desta forma, “o jornalismo de investigação não aceita o segredo nem a recusa das fontes oficiais” (Randall, 2016, p.128), visto que tem como propósito descobrir “sozinho o que lhe querem esconder” (ibidem, p.128).

No que diz respeito ao quadro de valores, este é igual tanto no jornalismo de investigação como no quotidiano. Permanece “o mesmo compromisso com a ética, sujeito à mesma lei, todavia, o jornalismo de investigação rodeia-se de outros cuidados” (Coelho e Silva, 2018, p.83). Esta “predisposição” (Anderson & Benjaminson, 1976, p. 3), que visa o objetivo de obter o máximo de conteúdo relevante (Hunter & Hanson, 2013, p. 9), requer “um outro jornalista, um outro envolvimento, um outro tempo, um método que conduza à produção de uma notícia sem mácula onde a prova seja à prova de bala” (Coelho & Silva, 2018, p.83).

A reportagem de investigação inicia-se “com o cheiro de uma história, ou o palpite de que em algum assunto está a semente de uma” (Randall, 2016, p.129). A informação recolhida através da dúvida e da curiosidade tem de ser confrontada e perceber se é indicada para uma peça de investigação. O autor David Randall apresenta a solução: “se não vai ser a primeira página, esqueça” (2016, p.129). Este pensamento permite refletir sobre uma atitude crucial para a investigação que “é pensar cuidadosamente sobre o resultado do 'melhor caso' e considerar se a história valerá o esforço e o tempo necessários” (ibidem, p.129), quer da redação, quer do jornalista de investigação.

Neste sentido, a divisão de conceitos é necessária, já que o jornalismo quotidiano, associado ao jornalismo diário, é condicionado pela velocidade a que circula a informação. O jornalismo quotidiano cessa por não ter tempo para investigar, aprofundar e questionar fontes para além das entidades. Sem conseguirem prever o final da história, o tempo que investiriam na mesma e receando os processos judiciais e as pressões, os gestores dos órgãos de comunicação acabam por deixar o jornalismo de investigação de lado (Coelho & Silva, 2018).

David Randall explora os conceitos de jornalismo de investigação e jornalismo quotidiano, apresentando o “tempo” como fronteira entre os dois termos. Tendo em conta a sua obra, a “escassez de tempo e a frequente indisponibilidade de informações” (Randall, 2016, p.19), são duas marcas do jornalismo quotidiano e dois limites com os quais o jornalismo de investigação não convive.

Para além do jornalismo de investigação não correr contra o tempo do dia a dia, também a metodologia utilizada é distinta da do jornalismo diário. Ao longo da investigação, o intuito é aprofundar o tema, por isso, a metodologia deve seguir uma forma descomplicada e nítida, baseada em uma pesquisa meticulosa e pormenorizada de documentos e bases de dados de domínio público (Hoxha, 2019; Hunter & Hanson, 2013; Randall, 2016).

Atualmente, o jornalista tem ao seu dispor a “capacidade de pesquisar *on-line* com eficiência e usar o *software* do banco de dados” (Randall, 2016, p.133), com o detalhe de verificar e confirmar toda a informação recolhida porque “a dúvida é o mantra do jornalista de investigação” (Hamilton, 2016, p. 208). A atitude de “esgravatar na lama” (Starkman, 2014, p.248), é algo necessário ao longo de todo o processo de investigação. Em nenhuma circunstância o jornalista de investigação deve facilitar no processo de revelar o que está na sombra (Aucoin, 2006), dado que em causa está uma sombra onde as elites se escondem e o estado das coisas mantém-se inalterado (Coelho & Silva, 2018). Deste modo, “a consistência da prova jornalística torna-se o escudo protetor que permite ao jornalista resistir à pressão” (Coelho & Rodrigues, 2020, p.139), desde o momento da construção da peça, até depois de ser emitida.

As fontes presentes numa peça de jornalismo de investigação e de jornalismo quotidiano são distintas. Ambos chegam às fontes oficiais, pelo menos espera-se, mas o jornalismo de investigação ultrapassa essa fronteira. Os jornalistas de investigação procuram e incluem as “pessoas que os inexperientes nunca sonhariam em contactar”. (Randall, 2016, p.65). Depois de várias entrevistas, depois da análise de documentos e legislação será mais simples conseguir provar que os casos investigados não são um problema isolado, mas sim um problema sistémico (Hamilton, 2016).

Randall defende que cada história deve ser uma tentativa de descobrir o que realmente aconteceu, acompanhada por uma vontade de publicar essa verdade mesmo que possa chocar com o poder (2016, p.173). Por isso, frequentemente, não segue a

agenda noticiosa, já que o jornalista acaba por persistir em temas que acha relevantes e necessários para o público, o chamado serviço público (De Burgh, 2000).

Mesmo que seja difícil ter noção do impacto da peça, o estatuto de “criador de valor” (Starkman, 2014, p.9), associado a um trabalho original (Hamilton, 2016), não pode ser afastado do jornalismo de investigação. Não se espera fazer uma peça sem agitar, espera-se, sim, que tenha impacto e valor para a sociedade.

Exemplo disso, é o caso *Watergate*, que se tornou uma marca no que ao jornalismo de investigação diz respeito. Na década de 70, os dois jornalistas do *Washington Post*: Carl Bernstein e Bob Woodward e a sua “predisposição para escavar” (Anderson & Benjaminson, 1976, p. 3), descobriram a ligação do então presidente norte-americano, Richard Nixon, a irregularidades complexas. A investigação jornalística revelou a ligação do ex-presidente e da sua respetiva equipa ao assalto à Sede Comité Nacional Democrata, no edifício Watergate, e a procedimentos ilegais. (Bernstein & Woodward, 1974; De Burgh, 2000, p. 80; Randall, 2016, p. 136). O trabalho dos dois jornalistas passou por inúmeros desafios, entre eles, dúvidas, abusos dos apoiantes do presidente e até pistas falsas (Bernstein & Woodward, 1974; Randall, 2016, p. 136). Todavia, a resiliência e os anos de trabalho terminaram na demissão de Richard Nixon. A publicação do livro redigido pelos próprios jornalistas “*All the President’s Men*” acaba por ter um impacto social no âmbito da comunicação muito difícil de quantificar. Nesse sentido, o caso *Watergate* é valorizado por reunir “todos os ingredientes que valorizam o jornalismo, mas também todas as pressões que, no quotidiano o fazem sucumbir” (Coelho & Silva, 2018, p. 86).

2.1. Perfil do jornalista de investigação

Tal como é feita a distinção entre jornalismo de investigação e jornalismo quotidiano, também permanece a divisão entre jornalista de investigação e jornalista de quotidiano. Acredita-se que o jornalista “que faça bem o seu trabalho” (Anderson & Benjaminson, 1976, p.3), já é um investigador. Contudo, o repórter de investigação chega ao “inconveniente” e à informação “deliberadamente ocultada”, pois dispõe do tempo que o jornalista quotidiano não tem. Possui ainda a “predisposição para escavar”, (ibidem, p.3), que o impulsiona a levar mais longe o esforço de investigar.

A verdade deliberadamente escondida é o farol que ilumina e guia o jornalismo de investigação. Desvendar esta informação que não se encontra na camada superficial é característico deste “certo tipo de personalidade” (Anderson & Benjaminson, 1976, p. 3), do jornalista de investigação que aceita resistir (Starkman, 2014, p.245).

A “extraordinária paciência” (Anderson & Benjaminson, 1976, p.3), e a “determinação” (Randall, 2016, p.131), acompanhada de “experiência, conhecimento e metodologia” (Franklin et al, 2005/2010, p.123) são traços característicos do perfil do jornalista de investigação. Quanto mais preparado estiver, mais capacidade terá de ultrapassar os desafios inerentes à peça de investigação.

“A capacidade de resistência será, de entre todas [as capacidades], a mais necessária” (Coelho & Silva, 2018, p.83), devido ao constante confronto com a adversidade (Starkman, 2014). Kapuscinski identifica-a como a “disposição para o sacrifício” (2002, p.32), por isso, “os maus não podem ser bons jornalistas” (2002, pp. 32 e 33). Deste modo, o autor sublinha a importância dos valores e da ética de quem faz jornalismo de investigação. O “caráter imaculado” do jornalista de investigação está de braço dado com “a disposição para o sacrifício” (Coelho & Silva, 2018, p.83).

A investigação necessária para atingir o que anteriormente sublinhamos de contraditório e de provas “à prova de bala” (Coelho & Silva, 2018, p. 83), leva a que o profissional, por vezes, choque com o seu quadro de valores. Frequentemente, o jornalista vê-se a percorrer caminhos mais delicados, por exemplo, o confronto com o poder.

2.2. Consórcio: o trabalho de equipa

Neste seguimento, tratando-se de uma profissão com diversos perigos envolvidos, a partilha do risco (Sambrook, 2017), mediante a elaboração de um “escudo de colaboração” (Coelho & Rodrigues, 2020, p.138), torna os jornalistas mais apoiados. Para além disso, tem-se vindo a perceber que o trabalho em colaboração é um meio de aumentar a escala do projeto e de potencializar as capacidades de cada jornalista da equipa.

“Trabalho de equipa, esforço coletivo e capacidade de ouvir” são “características fundamentais ao bom desempenho da profissão” (Machado, 2015, p. 32), e neste caso,

cruciais ao jornalismo de investigação. No entanto, um projeto desta dimensão envolve um elevado nível de confiança, formas variadas de encarar a informação e de trabalhar o que pode levar à tensão da equipa. Para garantir que as discordâncias não prejudicam a investigação, é importante estabelecer regras na equipa (Coelho & Rodrigues, 2020), bem como um plano de divisão de tarefas.

O caso da morte da jornalista maltesa Daphne Caruana Galizia permite constatar os riscos de quem trabalha sozinho com a missão de “responsabilizar os poderosos” (Starkman, 2014, p. 9). A jornalista era a que mais se fazia ouvir e a que estremecia os poderosos do seu país, dado que investigava e não estava sob o controlo do governo. Foram várias as ameaças, mas acabou por ser assassinada, a dia 16 de outubro de 2017, numa tentativa de silenciar a sua voz e terminar com as investigações. No entanto, a história da jornalista foi partilhada por todo o mundo e, ao contrário do que se esperava, formou-se uma colaboração transfronteiriça com mais de 40 jornalistas e mais de uma dezena de meios de comunicação com a missão de continuar as investigações de Caruana Galizia. (Coelho & Rodrigues, 2020).

Neste sentido, o lucro social atingido por este trabalho colaborativo transfronteiriço pode ser medido pelo impacto a nível político e judicial das informações reveladas. Como é explorado pelos autores Pedro Coelho e Inês Alves Rodrigues (2020), a colaboração permitiu que a escala da investigação aumentasse, que as fronteiras de Malta fossem ultrapassadas e que os meios disponibilizados fossem mais do que aqueles a que tinha acesso a jornalista Daphne Caruana Galizia.

O pensamento de que a “colaboração é a opção certa” (Coelho & Rodrigues, 2020, p.154), é corroborado pelos variados casos de sucesso. É somar esforços e partilhar as mesmas lutas para atingir um objetivo comum: descobrir a verdade.

A colaboração não consiste só na ajuda mútua entre profissionais, mas, também, na potencialização dos recursos para o bem comum: o serviço público. Assim, é perceptível que a colaboração jornalística associada à tecnologia carregue “o potencial para a reconstrução do jornalismo de investigação (ibidem, p.140). Desta forma, o jornalismo colaborativo ganha valor e dimensão tornando-se “o escudo que mantém intactos os valores do jornalismo e protege os jornalistas” (ibidem, 153).

Tal como em Malta, muitos são os países onde a liberdade de expressão é ameaçada diariamente, contudo, o jornalismo de investigação é indispensável a qualquer regime, inclusive na democracia.

Perante os novos desafios, também surgem organizações mais poderosas que trabalham em prol do jornalismo de qualidade. (Sambrock, 2017, p.2).

Exemplo disso, é o Consórcio Internacional de Jornalistas de Investigação (ICIJ) uma equipa que conta com mais de 290 jornalistas de investigação de 105 países. Há inclusive um jornalista português, Micael Pereira, que é membro deste grupo multifacetado. As investigações apresentadas revelam uma elevada variedade de temas, mas também, o complexo trabalho que não é abandonado no momento da publicação. O impacto gerado pela investigação é noticiado com o objetivo de apresentar as consequências causadas.

A mudança de paradigma e a predisposição para o trabalho colaborativo foi um ponto de viragem na história do jornalismo de investigação, sendo a tecnologia, o que outrora “mergulhou o jornalismo numa crise de sustentabilidade” (Coelho & Silva, 2018, p. 77), uma ferramenta importante na investigação. Franklin et al confiam no potencial da *Internet* para ajudar na recuperação do jornalismo de investigação (2005, 2010, p.123).

Apesar disso, o jornalismo de investigação continua a ser feito de pessoas para pessoas e esse pensamento é corroborado com a ideia de que “muitas boas histórias vêm de um jornalista que deteta um pequeno detalhe no jornal” (Randall, 2016, p.51). Todas as variantes conjugadas podem descobrir “que há muito mais sobre o assunto ou problema do que o primeiro jornal pensava” (ibidem, p.51).

Capítulo III: Caracterização da investigação

III. 1. Pertinência do estudo

Neste trabalho pretendemos refletir sobre o grau de compromisso que a *TVI* assume com o jornalismo de investigação. Os jornalistas são considerados os “cães de guarda quase constitucionais que agem em nome dos cidadãos de uma sociedade” (Harcup, 2014, p.109), por isso, a pertinência do presente estudo está diretamente ligada com o conceito de jornalismo de investigação.

Tendo em conta a experiência de estágio, o presente estudo procura entender se o jornalismo de investigação está ou não presente no programa *Exclusivo*. Simultaneamente, é importante perceber como é que o “género” (De Burgh, 2000, p.32), e as suas particularidades são abordadas e qual é o espaço ocupado no alinhamento informativo, tendo em consideração o enquadramento teórico anteriormente desenvolvido.

Na *CNN Portugal* seria complexo analisar o jornalismo de investigação, visto que a presença é pouca, quase nula, tendo em conta o alinhamento do canal. Durante o período de estágio, a atualidade ficou marcada pelas catástrofes ambientais como o terramoto em Marrocos e as cheias na Líbia, a guerra na Ucrânia, o conflito Israel-Gaza, a partir do dia sete de outubro.

A crise política portuguesa, assinalada pela demissão de António Costa, no dia sete de novembro, teve impacto no alinhamento da *CNN* e de todos os meios de comunicação nacionais. Dois dias depois, o Presidente da República, Marcelo Rebelo de Sousa, dissolveu a Assembleia da República, convocando eleições antecipadas para o dia 10 de março de 2024 e, também, esta decisão foi fortemente mediatizada.

A variável “tempo” é um dos pilares do jornalismo e, efetivamente, no dia a dia é contra o tempo que trabalham as redações. Sem tempo, sem profissionais disponíveis e sem espaço na programação, o jornalismo quotidiano prevalece em detrimento do jornalismo de investigação.

O jornalismo quotidiano coloca as questões: “quem”, “o quê”, “onde” e o “quando” no cerne do trabalho. Já o jornalismo de investigação faz as mesmas questões, porém, tem a possibilidade de as aprofundar e acrescentar o “como” (Hunter & Hanson, 2013, p. 8). Tanto no processo de construção, como depois da transmissão da peça de investigação, a carreira e a própria segurança do jornalista podem ser colocadas em risco, contudo, a ambição de atingir o serviço público faz valer os esforços de quem se dedica ao jornalismo de investigação (Coelho & Silva, 2018).

Apesar disso, os desafios que condicionam o jornalismo de investigação vão para além do complexo processo de construção de uma peça. O desinvestimento no jornalismo de investigação é uma das condicionantes, visto que ocorre não só por parte dos órgãos de comunicação, que não arriscam investir os poucos fundos de que dispõem, como ainda por parte dos jornalistas, sem condições de trabalho, ou mesmo sem o perfil pessoal e profissional necessários para responder às exigências deste campo (Lopes, 2016, p.72; Starkman, 2014, p.246). Atualmente, todos os meios de comunicação enfrentam dificuldades. A *CNN Portugal* não é a única e a *TVI* não é exceção. Não obstante, mesmo sentida no jornalismo quotidiano, a crise de credibilidade causada pela influência do mercado tem maior impacto no jornalismo de investigação (Coelho & Silva, 2018).

Assim, a análise recairá no canal generalista, já que o mesmo dispõe do programa *Exclusivo* que, todas as semanas, desde 2022, exhibe as reportagens. Apresentam-se como “uma equipa de elite inteiramente dedicada a encontrar a verdade e os factos” com o intuito de apresentar a “notícia em primeira mão e a investigação”¹⁸.

Importa saber se todas as peças apresentadas são de facto de investigação e de que forma são feitas já que integram um dos poucos espaços de investigação dos canais generalistas da televisão portuguesa. Aprofundar esta análise trará clareza à investigação desenvolvida e permitirá conhecer o espaço ocupado pelo jornalismo de investigação na *TVI*, tendo em conta o enquadramento teórico.

¹⁸ <https://tviplayer.iol.pt/programa/exclusivo-com-sandra-felgueiras/6332b3940cf2ea4f0a5e50f1>

III. 2. Perguntas de investigação

Este estudo irá tentar responder às seguintes questões de partida:

P1: Existe jornalismo de investigação no programa *Exclusivo*? Se sim quais são as suas características?

P2 (complementar): Como é feita a construção de uma reportagem de investigação?

III. 3. Metodologia

Para responder às perguntas de investigação apresentadas, considerou-se uma metodologia mista, tendo assim em conta uma análise quantitativa e qualitativa. Quanto à primeira, o material analisado correspondeu às peças transmitidas no programa *Exclusivo* durante a experiência de estágio. Já a análise qualitativa esteve assente no acompanhamento de algumas fases na construção de uma reportagem e na operacionalidade do conceito de jornalismo de investigação.

3.1 Análise de conteúdo

Para a análise de conteúdo foram tidos em conta 12 dias do *Exclusivo*, que compreendem o período entre quatro de setembro e oito de dezembro, equivalente aos três meses de estágio. Durante este período, foram apresentadas 24 reportagens que estão publicadas na plataforma do *TVI Player*.

Tendo como base os elementos que estruturam o conceito de jornalismo de investigação, foram estabelecidos quatro critérios estruturantes: 1. Originalidade: a peça é original (no todo ou em parte) e complexa a um nível que ultrapassa o jornalismo quotidiano para valer a “primeira página” (Randall, 2016, p.129)? 2. Método: os passos, ao longo da investigação, foram dados tendo em consideração a curiosidade e a dúvida, ao mesmo tempo que o jornalista apresenta indicações de se ter esforçado para se

aproximar da verdade? As questões levantadas são respondidas de forma clara, permitindo considerar a peça completa? 3. Fontes: vão para além das fontes oficiais, e quando recorrem a fontes anónimas, é “apenas depois de ponderada a relevância da informação e esgotadas todas as vias alternativas as tentativas”? (Coelho, 2023, p.8); 4. Ética: é claro, para quem vê, como foi obtido o material usado? Os limites éticos ultrapassados assentes nas provas “à prova de bala” (Coelho & Silva, 2018, p.83), visam apenas o serviço público?

Para facilitar o estudo, a informação obtida ao longo da análise foi organizada numa tabela, presente em anexo, nomeada de *Tabela 4*.

3.2 Método Observação Participante

A vontade de acompanhar o *Exclusivo* esteve presente desde a fase inicial do meu estágio. Logo em setembro, tentei entrar em contacto com a equipa. No entanto, como os jornalistas do programa não estavam a trabalhar nos moldes habituais, a obtenção da minha resposta ficou dificultada. Entretanto, os jornalistas regressaram e voltaram a trabalhar, visto que, a 22 de setembro, foi emitido o programa. Porém, a resposta que aguardava só chegou em novembro, uma vez que, a responsável pela equipa, a jornalista Sandra Felgueiras, revelou desconforto em me permitir acompanhar o trabalho. Justificou a inquietação com questões de confidencialidade e de proteção de material e fontes.

O “não” como resposta deixou-me numa posição complexa, sem saber qual seria o rumo que o meu relatório podia levar. Até então, o meu trabalho diário tinha sido feito na vertente do jornalismo quotidiano na esperança de poder cruzar as duas experiências e, consequentemente, aproximar-me do jornalismo de investigação quando observasse o trabalho feito pela equipa do *Exclusivo*. Este percalço não facilitava o meu trabalho, aliás, nesta posição, a solução passaria por alterar o tema do relatório de estágio.

Procurei novamente a coordenadora do programa e expliquei-lhe o contexto da investigação, sublinhando a necessidade de acompanhar a equipa para avançar no meu estudo. Depois da insistência, o esperado “sim” surgiu e, nas três semanas seguintes,

conjuguei o trabalho que tinha na editoria de sociedade com a observação de alguns momentos na equipa do *Exclusivo*.

Ainda durante essa conversa, aproveitei a oportunidade para colocar algumas questões a Sandra Felgueiras. Para além da agenda preenchida, apresenta o *Jornal Nacional* e coordena o *Exclusivo*, por isso, encontrá-la com tempo pode tornar-se um desafio. A jornalista da *TVI* explicou-me que considera que o trabalho feito pelo *Exclusivo* tem de ser a uma escala micro já que o programa é emitido todas as sextas-feiras.

Dependendo da peça, podem ser recebidas provas e novos detalhes aquando do lançamento da reportagem e, assim, a equipa tem a possibilidade de aprofundar e perceber o ângulo ao longo da semana. Depois, se for oportuno, a equipa pode desenvolver uma peça e atualizar a história no programa da semana seguinte. A jornalista esclareceu ainda que uma peça de escala macro resumida num único trabalho dificulta o funcionamento do programa que é apresentado semanalmente.

No Capítulo IV são apresentadas várias peças conectadas entre si, como se fossem divididas por partes. A história é a mesma, mas as reportagens seguintes servem como atualizações ou como momento de exposição de novas fontes e revelações. Esta interpretação pode colocar em causa um pensamento defendido no enquadramento teórico. Alguns autores acreditam que, no jornalismo de investigação, a reportagem apenas é publicada quando estiver concluída, mesmo que a investigação possa demorar meses (Hunter & Hanson, 2013, p. 9; Randall, 2016, pp. 127, 128; Hamilton, 2016, p. 177).

Coordenada pela jornalista Sandra Felgueiras, a equipa é composta por Anabela Vaz Jacinto, Cátia Esteves, Emanuel Monteiro, Luís Vigário, Nuno Guedes e Paula Martins. Não reúnem semanalmente, contudo, têm um grupo no *Whatsapp* onde comunicam diariamente. Posteriormente, a coordenadora desempenha um acompanhamento personalizado a cada um e, depois, pondera a distribuição das tarefas. O *Exclusivo* vive da confidencialidade até dentro da equipa. A confiança não está em causa, mas sim a proteção da informação.

No que diz respeito à observação, acompanhei o trabalho do jornalista Luís Vigário, na secção própria do *Exclusivo* na redação. Habitualmente, era sempre o primeiro elemento a chegar. Para além da investigação que costuma ter, é também, o responsável pelo email, pelo telemóvel e pela correspondência enviada para o programa. Através

destes dispositivos, muita informação é recebida, e este jornalista faz a filtragem do conteúdo para perceber o que tem potencial para ser alvo de investigação. O “faro para uma história” (Randall, 2016, p.22), é uma “habilidade genuína de ver significado e interesse no que os outros podem ignorar” (ibidem, p.22). Esta seleção de conteúdo acaba por ativar o tal “faro”, já que o jornalista precisa de ler a história, para além das palavras que lhe chegam.

O processo inicial da filtragem é complicado, visto que chega uma imensidão de material ao email, e o sentido crítico não pode ser abandonado, em nenhum momento da seleção. O jornalista sublinhou que são poucos os relatos que têm potencial para seguir para a investigação.

Quando se comprova que há algo que pode ser interessante ou ter força para avançar, a empatia pelos intervenientes não pode ser trocada pela vontade de fazer a peça. Luís Vigário revelou que a pergunta: “E se fosse com a minha família. Gostaria que agissem desta forma?”, apela ao bom senso dos jornalistas. Explicou ainda que a dificuldade é considerada elevada, mas nunca se sabe a história completa, mesmo quando o caminho parece já estar traçado. “Não pré-julgar as pessoas” (Randall, 2016, p.52), é uma atitude imprescindível, desde o início, até ao final, da construção da história. Posteriormente, a informação selecionada é enviada para Sandra Felgueiras para aí voltar a ser filtrada. Após essa análise, é levada para as discussões de equipa e debatida.

Não queria perturbar o trabalho, mas aproveitei os momentos que passei com Luís Vigário para colocar questões. Uma delas passava por perceber se fazia sentido a divisão entre os conceitos de jornalista de investigação e de quotidiano. Respondeu-me que era jornalista tal como todos os colegas que o rodeavam. Tendo em conta o trabalho que desempenhava, atualmente, era jornalista de investigação. Referiu ainda que não escolhe um em detrimento do outro porque a democracia e as redações precisam de ambos.

O jornalista, que já experimentou os dois tipos, revelou que umas das diferenças é o “tempo” (Hunter & Hanson, 2013, p. 9; Randall, 2016, pp. 127, 128; Hamilton, 2016, p. 177). Nas peças diárias é difícil conjugar esta variante com a necessidade de refletir (Starkman, 2014, p. 257). Porém, o tempo dado à equipa do *Exclusivo* não é suficiente, visto que algumas peças são transmitidas sem estarem concluídas. A história pode ter potencial e até respeitar algumas bases essenciais do jornalismo de investigação como a originalidade, fontes e ética, mas não respeita o método. Este detalhe é sustentado na literatura: a história só deve ser apresentada quando estiver terminada (Hunter & Hanson,

2013, p. 9; Randall, 2016, pp. 127, 128; Hamilton, 2016, p. 177). e comprovado na presente investigação.

No dia 28 de novembro, num dos meus momentos de observação, consegui falar com Cátia Esteves, jornalista que integra a equipa do *Exclusivo*, desde outubro de 2023. Desde aí que estava a trabalhar numa investigação. A peça em questão recorria a fontes anónimas, contudo, partilhou que falou com vários entrevistados para comprovar que se tratava de material para uma peça de jornalismo de investigação, e não de uma vingança ou de uma quezília pessoal. Neste seguimento, procurou obter o contraditório e, assim, esgotar todos os recursos disponíveis para obter a resposta dos lados mencionados. Ainda assim, os autores apresentam uma opinião mais restrita: as fontes anónimas só podem ser usadas “depois de ponderada a relevância da informação e esgotadas todas as vias alternativas” (Coelho, 2023, p.8).

Randall defende que “o leitor não tem a menor ideia se está a ser citado um presidente ou o homem que limpa os sapatos” (2016, p.235). Por isso, nos casos em que se esgotam os recursos e é, efetivamente, relevante para a história conter esse testemunho não identificado, os académicos promovem o pensamento de que seja fornecido “o máximo possível de informações”, usado “o mais moderadamente possível (ibidem, 83), e que “não se escreva apenas 'fontes', 'analistas', 'especialistas’” (ibidem, p.235).

Tendo em conta esta prática, a peça¹⁹ assinada pela Cátia Esteves, no dia oito de dezembro, conta com a referência a fontes anónimas. Entre o minuto (11:31-11:40) é dito pela jornalista que “o *Exclusivo* falou com funcionários e ex funcionários de residências da Orpea que confirmam que a falta de profissionais afeta o cuidado de alguns doentes”. Para a história é relevante contar com o testemunho dos funcionários da empresa e entende-se a necessidade de recorrer ao anonimato, já que a empresa é a principal visada e os trabalhadores poderiam sofrer represálias depois de denunciarem situações ilegais. O anonimato é a alternativa para as fontes conseguirem proteção, ao mesmo tempo que revelam material que pode ser crucial para a história. Contudo, tendo em conta esta opção, a jornalista devia ter optado por uma referência mais esclarecedora. Alguns familiares dos idosos apresentam depoimentos muito sensíveis e preocupantes. Tendo em conta a alternativa do anonimato, poderia ter sido desenvolvido um testemunho mais robusto dos

¹⁹<https://tviplayer.iol.pt/programa/exclusivo-com-sandra-felgueiras/6332b3940cf2ea4f0a5e50f1/video/657392270cf25f99538eda7f>

funcionários e dos ex-funcionários que se pudesse relacionar diretamente com, pelo menos, algum dos casos.

Também a peça “Milhares de motoristas não falam português e mesmo assim passam todos no exame- o segredo dos TVDE²⁰” conta com fontes anónimas e nomes falsos “Marta” e “Raj”. A entrevistada foi introduzida pela jornalista da seguinte forma: “conhecemos uma aluna que frequentou o curso há vários meses. Vamos chamar-lhe Marta para proteger a identidade. Ficou com dúvidas logo no arranque [do curso]”. Em causa está um crime que pode colocar a vida de muitos utilizadores em perigo e, neste caso, a necessidade de anonimato é justificada pelas potenciais represálias sentidas pelos condutores e por um fator determinante para o jornalismo de investigação: o serviço público. Contudo, a peça acaba por não ser considerada jornalismo de investigação devido ao uso de material recolhido com câmaras ocultas. A análise desta peça é aprofundada no Capítulo IV: Apresentação e discussão dos resultados.

Conhecendo a vontade que tinha de acompanhar uma entrevista, o jornalista Luís Vigário permitiu-me presenciar uma que estava marcada para o dia três de dezembro. A conversa com o neuropediatra surgia no seguimento de uma reportagem de investigação que analisava uma alegada cunha por parte do Presidente da República, Marcelo Rebelo de Sousa, que beneficiava o tratamento de duas gémeas luso-brasileiras no Hospital de Santa Maria com o medicamento mais caro do mundo. Chegamos a sair da redação, acompanhados por um repórter de imagem, todavia, a entrevista foi cancelada pelo médico neuropediatra por motivos de agenda.

Posto isto, pedi aos jornalistas da equipa que na próxima entrevista, se fosse possível, para entrarem em contacto comigo, uma vez que tinha muita curiosidade em observar uma das conversas. A jornalista Anabela Vaz Jacinto permitiu-me acompanhar uma entrevista à vice-presidente da associação de cuidadores informais, marcada para dia sete de dezembro.

Fomos acompanhadas pelo repórter de imagem, David Luz, que me explicou que, habitualmente, tenta-se que os repórteres que trabalham para o programa *Exclusivo* sejam atribuídos aos jornalistas nas entrevistas. Todavia, para além de ser complexo conciliar os horários dos jornalistas com os dos repórteres, também é difícil organizar as saídas necessárias para as peças diárias e ainda assegurar as necessidades das reportagens de investigação.

²⁰ <https://tviplayer.iol.pt/programa/exclusivo-com-sandra-felgueiras/6332b3940cf2ea4f0a5e50f1/video/6557d1ea0cf25f99538ba535>

O que se espera é que, sempre que possível, as gravações sejam feitas por repórteres de imagem ambientados com os moldes da investigação e que acompanhem a captação de material do terreno ao longo de toda a reportagem. O próprio material utilizado é diferente do escolhido para as peças diárias. As câmaras escolhidas são direcionadas ao cinema com variadas objetivas e a luz externa visa a qualidade das histórias. Visto que o Exclusivo é transmitido semanalmente acaba por ser dada mais atenção aos detalhes que dificilmente têm destaque nas histórias diárias.

A entrevista a Maria dos Anjos Catapirra, vice-presidente da Associação de Cuidadores Informais, é um novo ângulo que estava a ser investigado pela equipa. Em cima da mesa, estava em causa uma suspeita e, depois de analisar a lei, pesquisar as intervenções feitas, a jornalista decidiu que era relevante ouvir esta fonte, tendo em conta o cargo que ocupa na associação e aquilo que poderia acrescentar à investigação. “As boas histórias não vêm de press releases” (Randall, 2016, p.59), por isso, as investigações podem estar escondidas em relatórios que poucos perdem tempo a ler ou até nas entrelinhas da legislação. Também, na escolha dos entrevistados é extremamente importante depositar atenção e apurar “o máximo que puder sobre a pessoa” (ibidem, p.89).

A conversa estava delineada para ser gravada perto do rio Tejo, no Barreiro, no entanto, o vento e a chuva não permitiram avançar com essa ideia. Inicialmente, encontramos-nos com a senhora numa pastelaria na sua área de residência. A jornalista Anabela Vaz Jacinto aproveitou esse momento inicial para deixar confortável a vice-presidente e, tendo em conta as condições climáticas, pediu se a conversa podia ser gravada em casa da Maria Catapirra.

A jornalista explicou os contornos da conversa e partilhou que não pretendia ser evasiva. Depois de todas as questões esclarecidas, Maria Catapirra cedeu a sala de sua casa. Assim, como é defendido por Randall, “as pessoas podem sentir quando o jornalista está apenas interessado nelas por causa de uma história” (2016, p.49), se assim for, uma barreira pode edificar-se entre jornalista e entrevistado, dificultando ou, até, impedindo a conversa que seria relevante para a história.

Enquanto, o repórter de imagem montava o equipamento e tentava potencializar as condições da sala para a entrevista, Anabela Jacinto voltou a explicar a investigação e o que podia ser feito com aquele material. Antes de a câmara ser colocada a gravar, muito foi dito, mas depois na entrevista a informação foi filtrada pela fonte, já que em causa não estava uma vingança, mas sim uma suspeita.

A entrevista correu de forma tranquila, onde a jornalista teve espaço para colocar as suas questões e esclarecer algumas dúvidas. Na minha perspetiva, a entrevistada tinha um discurso fluído e estava confortável para explicar a sua opinião. É vantajoso para a eventual peça contar com uma fonte que explora adequadamente o pensamento porque permite que a peça ganhe valor. A jornalista potencializou uma “relação tranquila” (Starkman, 2014, p. 133), e um ambiente tranquilo ao longo da conversa, característica que vai de encontro à obra de Randall: “bons repórteres têm um interesse sincero nas questões e nas pessoas envolvidas nelas” (2016, p.49).

No desenvolvimento do estágio e, conseqüentemente, do presente relatório acompanhei, semanalmente, o programa, mas, até ao momento, ainda não tinha sido emitida a entrevista em questão. Decidi contactar a jornalista Anabela Vaz Jacinto para perceber em que estado se encontrava a peça. Respondeu-me que a equipa ainda está a investigar a pista e, por isso, a entrevista da Maria Catapirra permanece guardada caso o indício se comprove. Depois de corroborada, pode haver a necessidade de se voltar a falar com a entrevistada para atualizar informações.

Esta atitude coloca em confronto dois pensamentos. Se por um lado “é preciso acumular evidências e, isso requer muito mais tempo e esforço prolongado do que relatórios comuns” (Randall, 2016, pp.127- 128), sendo esta característica verificada no facto de não ter sido emitida a peça com a suspeita por validar, por outro lado, a entrevista sem constatação da prova feita à vice-presidente da Associação de Cuidadores Informais, Maria Catapirra faz com que a conversa permaneça guardada sem garantias de que possa ser usada depois, já que foi gravado no dia sete de dezembro de 2023.

Capítulo IV: Apresentação e discussão dos resultados

Os resultados obtidos, seguindo a metodologia desenvolvida no capítulo III, serão agora apresentados. Relembrar que a análise incidiu em 24 peças referentes a 12 dias de programa, visto que o *Exclusivo* é emitido semanalmente, todas as sextas-feiras. A duração de cada programa varia de semana para semana e o número de reportagens transmitidas também não é regular. Tendo em conta o período de estágio, em média, os programas tiveram 25 minutos e variaram entre uma a três peças por transmissão.

Como explicado anteriormente, os critérios decisivos foram estabelecidos tendo por base os elementos que estruturam o conceito de jornalismo de investigação com o objetivo de perceber se as peças emitidas podem, efetivamente, ser caracterizadas como jornalismo de investigação. Nesse sentido, inicialmente, estabelecemos quatro critérios estruturantes de caracterização do conceito: 1. Originalidade: a peça é original (no todo ou em parte) e complexa a um nível que ultrapassa o jornalismo quotidiano? 2. Método: os passos, ao longo da investigação, foram dados tendo em conta dúvidas e a curiosidade, no sentido em que o jornalista dá sinais de se ter esforçado para se aproximar da verdade jornalística? 3. Fontes: vão para além das fontes oficiais, recorrem a “fontes anónimas apenas depois de ponderada a relevância da informação e esgotadas todas as vias alternativas” (Coelho, 2023, p.8)? 4. Ética: é claro, para quem vê, como foi obtido o material usado? Os limites éticos ultrapassados assentes nas provas “à prova de bala” (Coelho & Silva, 2018, p.83), visam apenas o serviço público?

Para auxiliar a análise, a informação recolhida ao longo da análise foi organizada numa tabela do *Excel*, em anexo.

Para explorar o primeiro critério que incide na “Originalidade”, tentou aferir-se se as peças emitidas foram motivadas por investigação própria do jornalista. Neste parâmetro também se tem conta a complexidade da história, já que deve ultrapassar os limites do jornalismo quotidiano. O segundo critério tido em conta é o “Método”. Neste sentido, é crucial avaliar se a aproximação à verdade jornalística é feita a partir da dúvida e da curiosidade, ou partiu de certezas, onde não foi possível verificar a base onde as investigações estão sustentadas. A peça é valorizada por ser apresentada na íntegra,

seguindo o fio condutor que motivou a investigação. Contudo, através da presente análise é aferido que muitas peças são apresentadas sem o final da história.

Depois do “Método” a atenção direciona-se para as “Fontes” escolhidas. Não se pode obrigar as pessoas a testemunharem, mesmo que algumas tenham o dever moral de o fazer, tendo em conta o cargo que ocupam. No entanto, a tentativa de quebrar o silêncio e estabelecer contacto tem de estar presente na peça, para comprovar o esforço do jornalista em dar espaço a todos os visados.

Por isso, o escrutínio desenvolvido tem em conta a diversidade de fontes, desde as oficiais às não oficiais, visto que é crucial para o jornalismo de investigação construir contactos e, principalmente, abrir a mente para fontes e assuntos não convencionais” (Randall, 2016, p.55). Quando o silêncio não é quebrado e há a necessidade de recorrer a fontes anónimas, o autor Pedro Coelho defende o uso de “fontes anónimas apenas depois de ponderada a relevância da informação e esgotadas todas as vias alternativas” (2023, p.8).

Por fim, o último critério analisado é a “Ética”. Como desenvolvido no enquadramento teórico, as provas têm de ser “à prova de bala” (Coelho & Silva, 2018, p.83), para edificarem e fortalecerem as peças, com a finalidade de quando estas forem emitidas nada as poder abalar. O jornalismo de investigação anda de mão dada com o serviço público, se esse objetivo não for a motivação da peça, não se pode avançar com suposições e quezílias.

De forma individual, foram avaliadas as 24 peças tendo em consideração os critérios estruturantes. Neste sentido, a *Tabela 4*, presente em anexo, foi desenhada de forma a simplificar a análise dos critérios e a sintetizar a avaliação.

A primeira peça transmitida foi “Máfia dos transportes”²¹. Tendo em conta os critérios, a peça atende apenas ao da “Originalidade”, já que deriva de queixas que chegaram ao *Exclusivo*. Consequentemente, confere originalidade (em parte) devido a investigação da jornalista que, dessa forma, consegue ultrapassar as fronteiras do jornalismo quotidiano. Já o “Método”, as “Fontes” e a “Ética” não foram atingidos. A

²¹ <https://tviplayer.iol.pt/programa/exclusivo-com-sandra-felgueiras/6332b3940cf2ea4f0a5e50f1/video/650e05c50cf23250d7089df1>

história tem várias nuances, era justificável a investigação, todavia, para respeitar a literatura, outras opções tinham de ser tomadas. No caso das fontes era crucial falar com, pelo menos, um dos condutores que se faz passar por motorista, para a peça ganhar valor e contar com as duas perspetivas: condutores e passageiros. Não foi o que aconteceu. Optou-se por uma câmara oculta para registar o ocorrido, mas, ao longo da peça, não há referência de tentativas de estabelecer contacto com os visados.

Na mesma emissão, foi transmitida a peça: “Padre suspeito de abusos sexuais em Coimbra não nega crime: “Hoje tocar numa criança ou num jovem já é tudo abuso”²². Este trabalho não respeita nenhum dos critérios definidos. O jornalista apresenta investigação própria, no momento em que se refere a outras denúncias que levaram a que o padre Abel Maia deixasse de exercer por um período de tempo. Porém, não é suficiente para ultrapassar as fronteiras do jornalismo quotidiano, uma vez que o assunto já não é novo e tem vindo a ser noticiado²³. Logo, o critério da “Originalidade” não foi cumprido. Também, não foi possível aferir o “Método”, já que o jornalista não é guiado pela dúvida e pela curiosidade, mas sim por certezas que não estão explicadas ou documentadas. A avaliação das “Fontes” revelou a fragilidade da peça. Os depoimentos não permitem clarificar as dúvidas que são levantadas, por serem insuficientes e delicados. Quanto ao critério da “Ética”, as provas carecem de explicações e de documentos que as apoiem. Nestas circunstâncias, o critério não pode ser atingido.

Já a peça: “Compraram imóveis com licenças para “habitação” e podem “acabar com uma mão cheia de nada”²⁴, respeita todos os critérios estruturantes. A reportagem em questão foi emitida a 29 de setembro e assinada pelo jornalista Nuno Guedes. A originalidade aplicada à construção da peça e a apresentação da história na íntegra onde a dúvida prevalece são aspetos que distinguem esta reportagem das peças de jornalismo quotidiano. Ainda assim, as várias fontes ajudam a clarificar as questões que são levantadas ao longo da reportagem. Para além disso, os passos dados ao longo da construção da peça foram alcançados de forma ética, o que fortalece as provas permitindo

²² <https://tviplayer.iol.pt/programa/exclusivo-com-sandra-felgueiras/6332b3940cf2ea4f0a5e50f1/video/650e00b10cf265bc96812348>

²³ <https://www.dn.pt/portugal/abusos-sexuais-padre-pediu-desculpa-por-difamacao-e-colega-perdoou-9065449.html/>

²⁴ <https://tviplayer.iol.pt/programa/exclusivo-com-sandra-felgueiras/6332b3940cf2ea4f0a5e50f1/video/651727c00cf265bc9682084f>

valorizar também todo o trabalho. Estes critérios serão aprofundados no subcapítulo “1.2 Especificidades da peça de jornalismo de investigação”.

A peça “Operação “Semente em Pó”²⁵ corresponde à “Originalidade” por aprofundar um caso, e apresentar uma anomalia de forma original, que consiste na contratação de uma engenheira para a Câmara Municipal de Mirandela quando ainda estava presa. Também, o critério “Método” é cumprido nesta peça. A dúvida prevalece ao longo da história e o jornalista Emanuel Monteiro tenta perceber o que aconteceu e demonstra isso mesmo ao telespectador. No entanto, o critério das “Fontes” não é alcançado. São visíveis as tentativas e o esforço de obter o testemunho da detida, Sandra Pinto, mas é negados pela própria. Através de uma entrevista com a presidente da Câmara Municipal de Mirandela, Júlia Rodrigues, o jornalista teve a possibilidade de esclarecer algumas das várias questões que tinha. Contudo, os três testemunhos anónimos dos habitantes, inclusive a referência anónima “Rodrigo- habitante de Mirandela” não respondem às dúvidas nem acrescentam à história. Ainda assim, a utilização do anonimato ao longo da peça não é explicado em nenhum dos casos. A reportagem começa com uma conversa anónima, mas não é explicado o contexto nem apresentados os intervenientes. Nesse sentido, o critério da “Ética” não é respeitado devido à falta de provas robustas. É evidente que os documentos partilhados, como notas obtidas nos testes de conhecimentos para o cargo de técnica superior e o documento de celebração do contrato público fortalecem a investigação. Contudo, neste caso, as fontes anónimas têm um peso substancial na decisão de não atingir o critério porque deixam mais pontas soltas do que fornecem respostas concretas.

O trabalho com o título “Ambiente suspende avaliação da obra que vai acabar com a última fronteira fechada da União Europeia”²⁶ não satisfaz nenhum dos critérios. A peça revela material original no todo associado à investigação desenvolvida pelo jornalista. Porém, os restantes parâmetros que são tidos em conta no critério da “Originalidade” não foram respondidos, visto que a peça não consegue extrapolar as fronteiras do quotidiano. Quanto ao “Método”, a dúvida que caracteriza o critério não está presente na peça. A informação é exposta de uma forma que não é possível, a quem assiste, perceber como

²⁵ <https://tvoplayer.iol.pt/programa/exclusivo-com-sandra-felgueiras/6332b3940cf2ea4f0a5e50f1/video/65206ff30cf265bc9682f6ba>

²⁶ <https://tvoplayer.iol.pt/programa/exclusivo-com-sandra-felgueiras/6332b3940cf2ea4f0a5e50f1/video/65206eb60cf23250d70a6848>

foi feita a aproximação à verdade a partir da dúvida. É dado a conhecer o testemunho da presidente da Junta de Freguesia de Montalvão, Margarida Ribeiro, o Alcaide de Cedillo, António Riscaldo, e a resposta escrita da empresa Iberdrola, todavia, as declarações dos habitantes não adicionam nem clarificam informações. Chegar a alguma fonte que sofre diariamente com a fronteira fechada poderia ser mais pertinente. O critério da “Ética” não é atingido visto que as provas utilizadas não fortalecem na totalidade a peça, permitindo que surjam questões do lado de quem vê.

Também a peça: “PJ investiga desvio de dinheiros públicos para bombeiros do Barreiro”²⁷ não alcança os critérios estruturantes. O critério da “Originalidade” não é cumprido devido à falta de originalidade e de matéria para ultrapassar as barreiras do quotidiano. Nesta peça, o “Método” não é verificado, já que a jornalista não é guiada pelo sentido de dúvida, visto que prevalecem certezas em detrimento das questões que são levantadas. Nesse sentido, o espaço dado a fontes anónimas leva a que o critério das “Fontes” não seja atingido. Há o esforço para o contraditório do Comandante José Figueiredo, porém, as pessoas entrevistadas sob anonimato fazem declarações delicadas em relação ao comandante, e como estão sob anonimato, não fortalecem a reportagem, o que leva a que o critério da “Ética” não seja cumprido.

A peça “Pilotos que custaram fortuna ao Estado trabalham para o INEM em situação duvidosa”²⁸ respeita o critério da “Originalidade” e o da “Ética”, visto que é revelada investigação própria da equipa do *Exclusivo* e é possível perceber que supera as abordagens do quotidiano. Já o critério da “Ética” é respeitado devido à relevância da informação partilhada assente em uma irregularidade. Em questão está dinheiro público já que os pilotos fizeram a sua formação na Marinha e, hoje, trabalham para o INEM. Por isso, é perceptível o esforço para atingir o serviço público. Contudo, o “Método” não é alcançado porque não são ultrapassadas todas as barreiras que surgiram ao longo da peça. Exemplo de uma desses obstáculos, é o facto de não se chegar ao contacto com os pilotos visados. Se o jornalista tentou, não o demonstrou na reportagem. Por isso, o critério das “Fontes” não foi respeitado e, consequentemente, os testemunhos ouvidos não foram suficientes para responder às dúvidas levantadas.

²⁷ <https://tviplayer.iol.pt/programa/exclusivo-com-sandra-felgueiras/6332b3940cf2ea4f0a5e50f1/video/65299db10cf23250d70b632d>

²⁸ <https://tviplayer.iol.pt/programa/exclusivo-com-sandra-felgueiras/6332b3940cf2ea4f0a5e50f1/video/65299d190cf265bc9683f196>

A peça titulada de “Sérgio transferiu 180 mil euros e esteve duas semanas sem saber do dinheiro”²⁹ não vai de encontro a nenhum dos critérios, porque o facto de, ao longo da peça, ser apenas apresentado um caso isolado é o suficiente para não ser considerado jornalismo de investigação. A investigação, ao não ser fundamentada em mais de um caso, permite que se edifique a dúvida, se em causa está um erro inusitado ou uma sequência de negligências. Assim, a “Originalidade” não é atingida tendo em conta que a peça não ultrapassa a fronteira do quotidiano, que lhe permita integrar o espaço da investigação. Percebe-se que prevalece a dúvida para perceber o que aconteceu, contudo, a história fica incompleta visto as questões apresentadas não recebem respostas. Por essa razão, o critério “Método” não é alcançado. Também, o critério estruturante “Fontes” não é cumprido porque, como é um caso isolado e não havendo exemplo de mais situações do mesmo tipo, conhece-se apenas o testemunho do proprietário, Sérgio Martins, do Banco CTT e do Santander. As duas últimas derivaram de respostas escritas. Por último, o critério da “Ética” não é cumprido porque as provas apresentadas são ambíguas e ao longo da história não é conhecida a resposta: “o que aconteceu?”. Por isso, as provas não podem ser consideradas “à prova de bala” (Coelho & Silva, 2018, p.83), por não terem ultrapassados todos os obstáculos.

Também, a peça: “Do telefonema do enfermeiro à dor de enfrentar os assassinos. Família de Fábio Guerra conta tudo pela primeira vez”³⁰ não responde a nenhum dos critérios estruturantes. A história não atinge o critério da “Originalidade” por não demonstrar investigação própria. O que se percebe é que consegue chegar à família da vítima, mas não ultrapassa as abordagens do jornalismo quotidiano. O “Método” não é cumprido porque ao longo da história não é possível identificar o sentido de dúvida e a curiosidade. O critério das “Fontes” não é respondido, uma vez que apenas são escolhidos familiares do Fábio Guerra e não é apresentado o outro lado que, neste caso, envolveria os fuzileiros da Marinha ou os próprios familiares dos militares. Nesse sentido, o critério da “Ética” também não é respeitado. Não há novas pistas, por isso, não há provas que possam ser testadas no caminho feito pela verdade. Tendo em conta que os culpados já estão presos, a peça é um registo do sofrimento e da saudade vivida pela família da vítima.

²⁹ <https://cnnportugal.iol.pt/videos/exclusivo-sergio-transferiu-180-mil-euros-e-esteve-duas-semanas-sem-saber-do-dinheiro/65299cc10cf265bc9683f181>

³⁰ <https://tviplayer.iol.pt/programa/exclusivo-com-sandra-felgueiras/6332b3940cf2ea4f0a5e50f1/video/6532ebba0cf265bc9684f889>

Nesse seguimento, a peça: “Sempre sonhou ser polícia”³¹ não atende aos critérios. Este trabalho é uma continuação da peça anteriormente mencionada e ambas pecam por não revelarem investigação, mas sim, um relato do sofrimento dos familiares. Inclusive, esta segunda parte foca-se no passado de Fábio e na ligação que o próprio tinha com familiares e amigos, especialmente com a irmã mais nova. Sendo assim, o critério da “Originalidade” não é respondido. O “Método” não é constatado porque a peça não é guiada pela dúvida, mas sim, por certezas. Quanto às “Fontes”, como na primeira parte da história, também aqui a voz é só dada aos familiares e aos amigos. Como nos restantes critérios estruturantes, também a “Ética” não é verificado, visto que ao longo da peça não é constatada nenhuma irregularidade, pelo contrário, é feito um apanhado da tristeza sentida pela família com a morte do polícia Fábio Guerra.

A peça “Imigração. Cinco mil euros para legalizar a família e a criança que ainda nem nasceu”³² foi emitida a 27 de outubro. Dos quatro critérios apenas é verificado o da “Originalidade”, uma vez que a peça deriva da investigação feita a uma irregularidade pelo próprio jornalista. Já o “Método” não é atingido porque não são clarificadas as dúvidas que são levantadas. A história é relevante, mas as fontes, ou a falta delas, não permitiram fortalecer a investigação e é, por essa razão, que o critério das “Fontes” não é registado. A peça conta com apenas duas fontes: João Massamo, presidente do Conselho Regional de Lisboa da Ordem dos Advogados, e D.S Saini, consultor e responsável da Crown Sgment. Tendo em conta os contornos da história era fundamental conhecer outros testemunhos, por exemplo, advogados para ajudarem a clarificar a história, e outras provas. Nesse sentido, o critério da “Ética” não é verificado porque as provas são delicadas e levam a que a peça fique vulnerável ao surgimento de dúvidas depois da emissão da mesma.

A segunda parte da história é a peça: “Um “Paraíso” na Internet. Centenas de grávidas estrangeiras procuram Portugal para “turismo de nascimento”³³. O critério da “Originalidade” é respeitado, visto que o jornalista desenvolveu investigação própria, ao

³¹ <https://tviplayer.iol.pt/programa/exclusivo-com-sandra-felgueiras/6332b3940cf2ea4f0a5e50f1/video/6532e8320cf23250d70c67a4>

³² <https://tviplayer.iol.pt/programa/exclusivo-com-sandra-felgueiras/6332b3940cf2ea4f0a5e50f1/video/653c20480cf23250d70d8d6b>

³³ <https://tviplayer.iol.pt/programa/exclusivo-com-sandra-felgueiras/6332b3940cf2ea4f0a5e50f1/video/653c20480cf23250d70d8d6b>

mesmo tempo, que a história tinha potencial para ultrapassar o jornalismo quotidiano. Porém, o “Método” não é respeitado porque a peça deixa dúvidas e questões sem resposta. Assim, a peça está incompleta. O critério das “Fontes” também não é cumprido, visto que são ouvidas apenas fontes oficiais como um advogado e uma professora de Direito e não é encontrado nenhum testemunho para consolidar a peça. Neste sentido, também o critério da “Ética” não é identificado, já que a peça não está apoiada em provas incontestáveis.

A reportagem “Homem de 59 anos espera há dois anos por uma operação a uma hérnia de 20 centímetros”³⁴ não considera nenhum dos quatro critérios estruturantes. A “Originalidade” não é atingida porque a história poderia ser contada numa peça de quotidiano já que consiste num caso isolado. Esta ocorrência singular choca diretamente com o jornalismo e, consequentemente, com os quatro critérios estruturantes. Nesse sentido, o critério das “Fontes” não é cumprido porque a peça conta apenas com o testemunho da vítima, a resposta escrita da Administração do Hospital e com declarações de cirurgiões que não são nomeados. A “Ética” não é atingida, pois mesmo que as provas apresentadas sejam fortalecidas com documentação, a peça, de certa forma, é guiada pelo caso delicado da vítima e não pelo interesse público.

A peça “Marcelo suspeito de “cunha” para tratamento de duas gémeas no Santa Maria”³⁵ é a primeira de sete partes, emitidas durante o período de estágio. Aqui, a “Originalidade” é tida em conta, já que a peça parte de investigação da equipa do *Exclusivo* e, nesse sentido, a história é contada de forma original. O critério do “Método” também foi cumprido visto que a dúvida e a curiosidade acompanham toda a peça que permite impulsionar a procura da verdade. O critério das “Fontes” foi respeitado devido ao esforço de falar com os visados na história. Os jornalistas conseguiram questionar as fontes oficiais como o Presidente da República e elementos do Hospital de Santa Maria, mas também falar com a mãe das gémeas, o que permite fortalecer a peça. Neste caso, a avaliação do critério da “Ética” é bem mais complexa. A história tem um forte impacto no serviço público e as provas estão assentes em documentação que comprova a sua veracidade, porém, são usadas inúmeras imagens das gémeas e esta decisão embate em princípios éticos. Também, o depoimento da mãe recolhido com uma câmara oculta não pode ser justificado com o serviço público devido ao choque direto com a ética. A recolha

³⁴ <https://tviplayer.iol.pt/programa/exclusivo-com-sandra-felgueiras/6332b3940cf2ea4f0a5e50f1/video/653c123a0cf25f9953886f39>

³⁵ <https://tviplayer.iol.pt/programa/exclusivo-com-sandra-felgueiras/6332b3940cf2ea4f0a5e50f1/video/654567370cf200ca935c0c28>

de forma clandestina de declarações de uma pessoa que não tem conhecimento que está a ser gravada torna a informação recolhida muito frágil e questionável. Tendo em conta estas escolhas, decidimos que o critério iria receber a anotação de não cumprimento.

A segunda parte, intitulada: “Ministério da Saúde de Marta Temido deu ordens para marcar primeira consulta das gémeas luso-brasileiras³⁶” respeita a “Originalidade” pois revela mais contexto da história e novas provas na investigação, que consistem na descoberta de que a consulta foi marcada a partir do Ministério da Saúde. O critério do “Método” também é alcançado devido ao esforço que o jornalista teve em procurar a verdade, levando em consideração a dúvida e a curiosidade. O critério das “Fontes” foi alcançado porque foi feita uma nova entrevista ao neuropediatra António Levy Gomes para esclarecimentos. Tendo em consideração os desenvolvimentos, os jornalistas tentaram estabelecer ligação com os mencionados como é o caso do secretário de Estado da altura, António Sales, e da ex-ministra da saúde, Marta Temido, que não se disponibilizaram para uma entrevista presencial, mas que negaram ligação e conhecimento de irregularidades no caso. Já a “Ética” volta a sofrer com as mesmas questões da peça anteriormente avaliada, mas considerando que prevalece o uso da imagem das crianças sem qualquer filtro, o critério volta a não ser respeitado.

A peça: “Email enviado ao neuropediatra e a carta enviada à casa civil. As contradições de Marcelo”³⁷ não responde a nenhum dos critérios estruturantes. A peça conta com novas informações que derivam de investigação, por isso, é original em parte, visto que a reportagem segue na sequência de uma investigação do *Exclusivo*. Porém, não é o suficiente para o critério ser atingido, uma vez que na peça não é ultrapassado o desafio da forma. Assim, constata-se que não é possível verificar a descodificação e a simplificação da matéria considera complexa. O “Método” não é alcançado porque, neste caso, a peça deixa questões por responder que acabam por ser enumeradas na parte final. Também o critério das “Fontes” é inexecutável pela falta de testemunhos que fortaleçam e acrescentem à peça. As declarações utilizadas já foram ouvidas nas primeiras duas peças apresentadas sobre o assunto, o único depoimento que ainda não tinha sido referido é o esclarecimento escrito do chefe da Casa Civil, Fernando Frutuoso de Melo. Devido à fragilidade na construção da peça, decorrente do facto de ter sido utilizado novamente

³⁶ <https://tviplayer.iol.pt/programa/exclusivo-com-sandra-felgueiras/6332b3940cf2ea4f0a5e50f1/video/654e94a70cf23250d70fb6f0>

³⁷ <https://tviplayer.iol.pt/programa/exclusivo-com-sandra-felgueiras/6332b3940cf2ea4f0a5e50f1/video/654e9a030cf23250d70fb7e9>

material recolhido clandestinamente, e das imagens das gémeas luso-brasileiras, o critério da “Ética” não é respondido.

A peça: “Milhares de motoristas não falam português e mesmo assim passam todos no exame- o segredo dos TVDE”³⁸ vai de encontro a dois dos quatro critérios. Responde ao critério da “Originalidade” por ser uma peça contada de forma original e por revelar investigação da jornalista depois da suspeita chegar ao *Exclusivo*. Foi possível atingir o critério do “Método” já que ao longo da peça a jornalista permanece com dúvidas, porém, ao longo da peça são explicadas as etapas da investigação. O critério das “Fontes” não é atingido devido ao recurso frequente de câmara oculta ao longo da peça. A jornalista consegue alcançar as fontes oficiais, já os testemunhos particulares recolhidos estão concentrados no anonimato. Porém, o recurso às duas fontes anónimas é justificado pela jornalista por fatores de proteção de ambos os condutores. O critério da “Ética” não é cumprido, visto que são vários os momentos: conversa com o formadores e formandos do curso TVDE, aulas e avaliações dos módulos onde se recorre a câmaras ocultas. A peça tem impacto no serviço público, mas visto que uma parte substancial da peça é construída com material recolhido de forma clandestinamente o material apresentado acaba por se tornar mais débil, não permitindo considerar a prova “à prova de bala” (Coelho & Silva, 2018, p.83).

Depois, foi emitida a segunda parte que tem como título: “Há crimes em causa na formação dos condutores de TVDE”³⁹. Esta peça responde à “Originalidade” por ser possível verificar investigação própria, para além da que tinha sido apresentada na primeira parte. Contudo, não responde ao “Método” porque a peça é apresentada de forma incompleta, permitindo que apareçam questões sem respostas, em parte condicionadas pelo incumprimento do critério seguinte. O critério das “Fontes” também não é alcançado, uma vez que a peça é uma sequência de fontes oficiais que termina com uma declaração de uma das fontes anónimas utilizadas na primeira peça. Tendo em conta estas fragilidades, o critério da “Ética” não é cumprido porque os meios utilizados, como é o caso do uso de câmara oculta não permite fortalecer as provas apresentadas. Para além disso, o depoimento testemunhal é uma fonte anónima que, neste caso, é insuficiente para sustentar a reportagem.

³⁸<https://tviplayer.iol.pt/programa/exclusivo-com-sandra-felgueiras/6332b3940cf2ea4f0a5e50f1/video/6557d1ea0cf25f99538ba535>

³⁹<https://tviplayer.iol.pt/programa/exclusivo-com-sandra-felgueiras/6332b3940cf2ea4f0a5e50f1/video/6557d0d50cf265bc96895876>

A seguinte peça⁴⁰ não foi publicada individualmente, mas integra o programa de dia 24 de novembro. Por motivos de organização, na *Tabela 4*, foi criada a denominação: “Família das gémeas luso-brasileiras” para poder ser distinguida das restantes. A peça apresenta informação nova no seguimento da história das crianças luso-brasileiras que o programa tinha vindo a investigar. Porém, o critério da “Originalidade” não é respeitado porque carece de mais material de pesquisa que se relacione e que se fortaleça entre si, uma vez que da forma que a reportagem é apresentada não é complexa ao nível de superar o jornalismo quotidiano. O critério do “Método” não é cumprido porque a construção da reportagem não está assente nos fatores da dúvida e da curiosidade, mas sim em certezas das quais se desconhecem as bases. A primeira parte da peça foca na questão da suspeita de cunha por parte de um pedido feito pelo Nuno Rebelo de Sousa ao Presidente da República, Marcelo Rebelo de Sousa. Já na segunda parte são revelados crimes associados ao pai e ao avô das gémeas. Este encadeamento é complexo porque a informação está associada às crianças em questão, mas não se percebe a relação feita ao longo da peça. O critério das “Fontes” também fica aquém do esperado porque só é visível o esforço em falar com o filho do Presidente da República, Nuno Rebelo de Sousa. Para além, das declarações, que foram prestadas para outras peças e que são recordadas nesta, há uma declaração do Tribunal tendo em conta a condenação do pai das gémeas. Neste sentido, e tendo em consideração a fragilidade da peça, o critério da “Ética” não pode ser atingido. A forma como foi construída a peça e a decisão de conjugar dois assuntos: a possibilidade de cunha e a situação criminal do pai e do avô das meninas não se correlacionam diretamente. Então, eticamente não é perceptível, nem fundamentada a escolha.

A próxima peça⁴¹ também não foi titulada, nem publicada no *site* individualmente. À semelhança da anterior, foi pensada uma designação para poder distinguir esta peça ao longo da presente análise. Ficou denominada de “Irregularidades no aeroporto de Cascais”. A história emitida atinge a “Originalidade” devido à originalidade presente na peça e no processo de investigação que o jornalista percorre. No que diz respeito ao “Método”, o critério obteve resposta, uma vez que o desejo de aprofundar a irregularidade está presente ao longo da peça. Todavia, os restantes critérios não obtêm resposta. Tendo

⁴⁰ <https://tvoplayer.iol.pt/programa/exclusivo-com-sandra-felgueiras/6332b3940cf2ea4f0a5e50f1/video/656130bd0cf200ca935f328c> [00:00-02:01; 19:33- 31:56]

⁴¹ <https://tvoplayer.iol.pt/programa/exclusivo-com-sandra-felgueiras/6332b3940cf2ea4f0a5e50f1/video/656130bd0cf200ca935f328c> [02:03- 19:31]

em conta, que há referência ao nome do ex-ministro João Galamba, o jornalista devia ter tentado contacto com o visado, na tentativa de obter o contraditório. Se o fez, não o mencionou e, nesse sentido, o critério das “Fontes” não é constatado. A peça conta com fontes anónimas, mais especificamente, dois funcionários do aeródromo, que proferem declarações marcantes. Ambas são válidas, uma vez que são trabalhadores e que podiam sofrer retaliações depois de dado o depoimento. O critério da “Ética” não foi atingido devido à falta de explicação sobre a sustentação das provas das suspeitas apresentadas e sobre como a equipa do *Exclusivo* teve acesso às mesmas.

A peça “Revolta das mães que têm filhos com as mesmas condições das gêmeas e que vivem com dificuldades e que também receberam o mesmo medicamento”⁴² respeita a “Originalidade” porque revela novas irregularidades associadas ao fornecimento de cadeiras de rodas. Porém, o “Método” não é cumprido visto que não é possível identificar o fator da curiosidade porque está assente em certezas que não são explicados pelo *Exclusivo*. O critério das “Fontes” também não é correspondido, uma vez que apenas é evidenciado o lado das mães dos filhos que têm a mesma doença. Foi revelada uma declaração de uma fonte anónima do hospital, mas não há esforço para acrescentar detalhes que fortaleçam o depoimento desta fonte. Nesse sentido, o critério da “Ética” também não consegue ser alcançado. Também, nesta peça são utilizadas imagens das gêmeas luso-brasileiras que, como anteriormente sublinhado, colidem com os princípios éticos.

Já a peça “Nacionalidade das gêmeas: advogados afirmam que processo foi demasiado rápido”⁴³ não consegue cumprir a “Originalidade”. Depois da divulgação das primeiras partes da história, chegou a dúvida ao *Exclusivo* e a peça demonstra investigação nesse sentido. Porém, é difícil decodificar toda a informação que é apresentada visto que são ouvidas várias fontes e que estas apresentam várias datas que colidem, dificultando a análise de quem vê. Quanto ao “Método” percebe-se que a dúvida e a curiosidade em perceber o processo de atribuição de nacionalidade está presente ao longo da investigação, por isso, o critério é atingido. Também o critério das “Fontes” obtém resposta porque é evidente o espaço dado ao Ministério da Justiça e ao advogado

⁴² <https://tvplayer.iol.pt/programa/exclusivo-com-sandra-felgueiras/6332b3940cf2ea4f0a5e50f1/video/656a56cd0cf23250d712f086>

⁴³ <https://tvplayer.iol.pt/programa/exclusivo-com-sandra-felgueiras/6332b3940cf2ea4f0a5e50f1/video/656a5ea90cf265bc968b8bff>

que representa a família das meninas. Quanto à “Ética”, as provas são robustas, porém, o critério não é cumprido devido ao uso das imagens das gêmeas.

A reportagem da “Negligência médica, falta de profissionais, má alimentação: as experiências “traumatizantes” dos idosos nos lares Orpea”⁴⁴ consegue atingir o critério da “Originalidade”, por ser revelada originalidade tanto no momento da investigação como na criação da peça por parte da jornalista. O “Método” é verificado, uma vez que prevalece ao longo da peça o fator curiosidade, refletido na vontade de perceber o funcionamento da empresa Orpea. Já, o critério das “Fontes” não é alcançado porque não são explorados de igual forma os intervenientes da história. A jornalista chega aos familiares dos pacientes, obtém uma resposta escrita da rede de lares Orpea, porém, não é conhecido nenhum testemunho bem fundamentado dos trabalhadores. Há apenas a referência a “funcionários” no final da peça, mas que não chega a ser devidamente explorada. Nesse sentido, o critério da “Ética” não é conquistado visto que a peça fica fragilizada com a ausência de informação e de testemunhos efetivamente promotores de contraditório.

A peça: “A evidência científica era pobre”⁴⁵ é a sétima parte transmitida no período que compreende o estágio de setembro a dezembro. Porém, não lhe é aplicada nenhum dos critérios estruturantes. Quanto à “Originalidade” é possível identificar informação nova, revelando assim investigação no sentido de perceber a razão para as gêmeas luso-brasileiras não terem sido aceites no Hospital Dona Estefânia. Material relevante, porém, não é robusto o suficiente para ultrapassar as barreiras do quotidiano. O “Método” não é verificado porque não é possível identificar a dúvida e a curiosidade ao longo da história. A proximidade à verdade é feita tendo em conta certezas. Também o critério das “Fontes” não é cumprido visto que os testemunhos apresentados são limitadores e direcionados apenas para o Hospital Dona Estefânia. Nesse sentido, o critério da “Ética” não é atingido porque, para além, das provas apresentadas não serem suficientes para sustentar a peça, já que esta carece de contraditório, também são utilizadas imagens das meninas luso-brasileiras sem qualquer tipo de filtro.

⁴⁴ <https://tviplayer.iol.pt/programa/exclusivo-com-sandra-felgueiras/6332b3940cf2ea4f0a5e50f1/video/657392270cf25f99538eda7f>

⁴⁵ <https://tviplayer.iol.pt/programa/exclusivo-com-sandra-felgueiras/6332b3940cf2ea4f0a5e50f1/video/657385670cf23250d713f59a>

Aos resultados atingidos através da análise do conteúdo das 24 peças, foi adicionada a experiência de observação participante de alguns momentos de acompanhamento dos jornalistas Luís Vigário e Anabela Vaz Jacinto, que pertencem à equipa do programa do *Exclusivo*.

IV. 1. Resultados da análise de conteúdos

1.1.Primeiros resultados

Como explicado no Capítulo III, no parâmetro atribuído à “Metodologia”, o material analisado correspondeu às peças transmitidas no programa *Exclusivo* durante a experiência de estágio. Assim, foram tidos em conta 12 dias de programa, que totalizaram 24 peças.

Atendendo aos quatro critérios estabelecidos: “Originalidade”, “Método”, “Fontes” e “Ética”, foi feita uma análise a todas as peças. Constatou-se que apenas uma reportagem respeitava estes quatro critérios que estruturam o conceito de jornalismo de investigação.

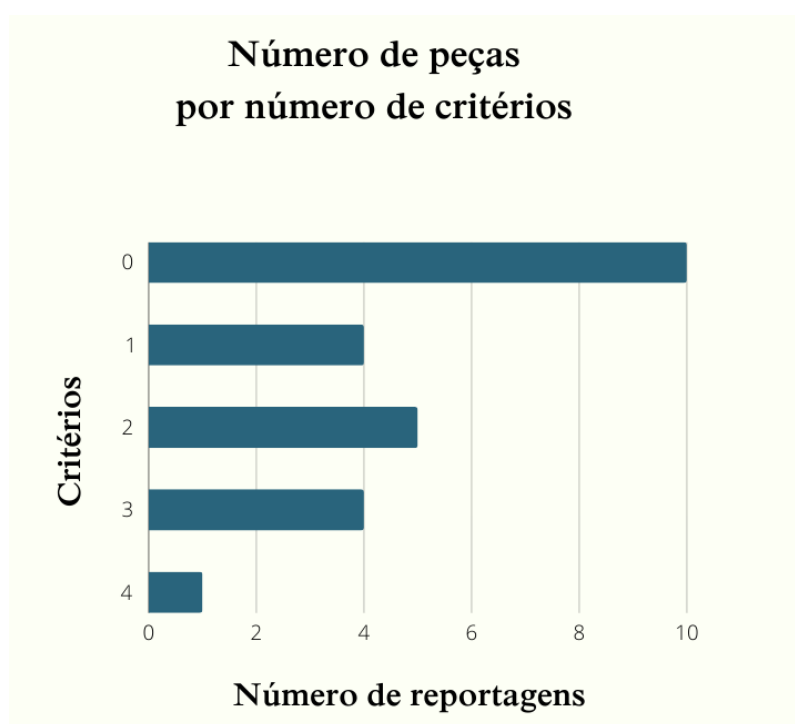


Figura 1. Número de peças por número de critérios. Fonte: autoria própria.

Posto isto, tentou-se perceber quantos critérios foram respeitados em cada peça. Como dito anteriormente, em 24 peças apenas uma peça cumpriu os quatro critérios estruturantes, o que equivale a 4,17%. Nesse seguimento, quatro peças responderam a três dos critérios estruturantes definidos (16,67%). Verificaram-se cinco peças (20,83%)

com dois critérios estruturantes. Já com apenas um critério cumprido, identificaram-se quatro peças, que correspondem a (16,67%). Por último, 10 das 24 peças (41,67%) não cumpriram nenhum dos critérios definidos.



Figura 2. Número de peças por critério. Fonte: Autoridade própria.

Seguidamente, o foco passou por identificar a presença de cada critério por reportagem. Como é perceptível na *Figura 2*, o critério “Originalidade” foi o mais identificado ao longo da análise e, por sua vez, o mais fácil de estudar, estando presente em 13 peças (54,17%). As perguntas mais predominantes para analisar este tópico foram: “Esta peça vai para além do jornalismo quotidiano?”, “Como foi contada a história?” e “A peça é original no todo ou em parte? Há uma necessidade constante de originalidade associada ao jornalismo que não é atingida apenas com uma pista interessante, como é o exemplo das 11 peças que não foram abrangidas por este critério.

O “Método” foi o segundo critério mais predominante, visto que contou com uma incidência de 37,5%, estando presente em nove das 24 reportagens. Neste ponto, analisou-se a curiosidade em aprofundar as pistas, já que a dúvida é o “mantra” (Hamilton, 2016, p. 208), do jornalismo de investigação.

Em contrapartida, os critérios: “Fontes” e “Ética” não tiveram tanta incidência como os parâmetros anteriores. As “Fontes” foram identificadas em quatro peças, correspondendo a 16,67%. Neste critério teve-se em atenção as pessoas escolhidas para testemunhar. O jornalista conseguiu chegar à diversidade de fontes que o quotidiano não alcança, ao mesmo tempo que conseguiu colocar as fontes oficiais a falar? Se sim, o critério estava cumprido. No caso de recorrerem a fontes anónimas teve de se perceber a relevância das mesmas. Sendo assim, o anonimato devia estar explicado pelo jornalista e motivado pela intenção de serviço público. Como defendido no enquadramento teórico, a utilização de fontes anónimas só é válida “depois de ponderada a relevância da informação e esgotadas todas as vias alternativas ao alcance do jornalista” (Coelho, 2023, p.8).

A par com as “Fontes”, a “Ética”, fortemente conectada com o lucro social: “a espinha dorsal do jornalismo” (Coelho & Silva, 2018, p. 78), foi dos critérios estruturantes mais difíceis de atingir, estando apenas presente em quatro peças, perfazendo 16,67%. Ainda assim, 20 peças não estavam apoiadas em provas “à prova de bala” (Coelho e Silva, 2018, p.83), nem visavam o serviço público. Exemplo disso é “Homem de 59 anos espera há dois anos por uma operação a uma hérnia de 30 centímetros”⁴⁶. O caso parte de uma anomalia, porém, é um testemunho sem conexão a outros exemplos da mesma referência. Como trabalhado no enquadramento teórico, no jornalismo de investigação visa-se alcançar fontes, pontos cinzentos na lei e o contraditório para comprovar que os casos não se tratam de um incidente isolado, mas sim de um problema sistémico (Hamilton, 2016, p. 82).

⁴⁶<https://tviplayer.iol.pt/programa/exclusivo-com-sandra-felgueiras/6332b3940cf2ea4f0a5e50f1/video/653c123a0cf25f9953886f39>

Presença de fontes anónimas

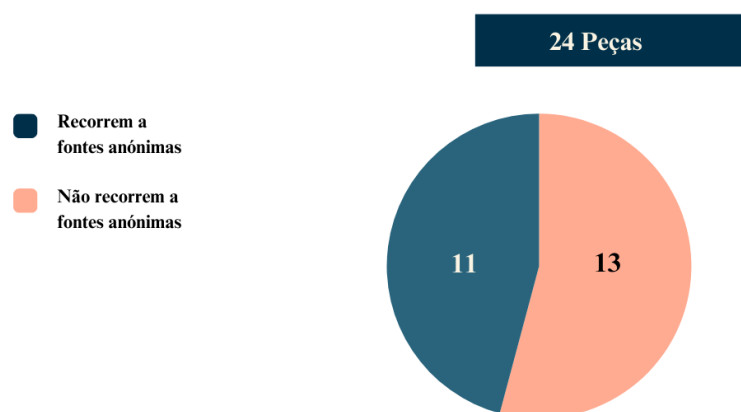


Figura 3. Número de peças que (não) recorrem a fontes anónimas. Fonte: Autoria própria.

Neste sentido, a *Figura 3* permite-nos quantificar quantas são as peças que (não) recorrem a fontes anónimas. O que é constatado é que apenas 54,17% do material emitido dispõe de fontes identificadas. Por outro lado, 11 peças, que correspondem a 45,89%, utilizam fontes anónimas. As peças foram analisadas individualmente, uma vez que tanto as histórias como os jornalistas que a constroem são diferentes, contudo, o que separa os dois valores são apenas duas peças. Mesmo assim, pode verificar-se que o *Exclusivo* recorre, frequentemente, a fontes anónimas.

Conclui-se assim que os jornalistas de investigação por enfrentarem “maiores dilemas éticos, têm maiores preocupações de transparência, consultam mais documentos e gastam mais tempo a produzir as histórias” (Coelho, 2023, p.7). Uma peça de investigação terminada está preparada para superar todos os obstáculos e pressões. Todavia, um pequeno detalhe esquecido pode fragilizar o trabalho intenso feito pelos profissionais e descredibilizar a peça.

1.2.Especificidades da peça de jornalismo de investigação

Neste subcapítulo apontaremos os resultados obtidos na análise das especificidades da reportagem de investigação que respeitou os quatro critérios estabelecidos: Originalidade, Método, Fontes e Ética. O facto de não ter sido acompanhada a construção das 24 peças pode representar uma limitação para a análise, já que muito trabalho pode ter sido realizado sem que este seja referido nas reportagens. Contudo, o sentido crítico esteve presente ao longo do presente estudo para atingir uma avaliação justa e transparente.

A peça: “Compraram imóveis com licenças para “habitação” e podem “acabar com uma mão cheia de nada”⁴⁷ foi transmitida no dia 29 de setembro e é um trabalho de 23:02 minutos. Em causa está uma anomalia no Palmela Village onde a lei considera que a área é apenas turística, porém, são seis mil habitantes que vivem permanentemente no aldeamento. Vários proprietários dizem que foram enganados e que compraram os imóveis com licenças para a habitação. Consequentemente, negam ter sido informados de que a área era destinada exclusivamente a turismo, visto que conseguiram pedir crédito para a habitação e não para outra circunstância. Tendo em conta o caso, duas professoras de Direito da Universidade de Coimbra, a quem recorreu o jornalista, afirmaram que as licenças de habitação passadas são nulas. Se o Turismo de Portugal desclassificar o aldeamento, como pode acontecer depois da auditoria, os proprietários enfrentam ainda outro complexo desafio: serem proibidos de viver nas habitações que compraram.

Como nas restantes peças analisadas, a introdução foi feita pela jornalista Sandra Felgueiras, porém, depois são assinadas pelos jornalistas que as construíram. Neste caso, assinada pelo jornalista Nuno Guedes que integra a equipa do *Exclusivo*. Através da Ficha Técnica⁴⁸ disponibilizada no site da *CNN Portugal*, é perceptível que não há nenhuma apresentação do jornalista. No entanto, este jornalista não se dedica apenas ao programa do *Exclusivo*, mas também a várias peças diárias.

⁴⁷<https://tviplayer.iol.pt/programa/exclusivo-com-sandra-felgueiras/6332b3940cf2ea4f0a5e50f1/video/651727c00cf265bc9682084f>

⁴⁸ <https://cnnportugal.iol.pt/perfil/nuno-guedes/619beb5b0cf2c7ea0f09fef3>

NOME	TAREFA
NUNO GUEDES	Jornalista
DANIEL DRIGA	Imagem
RUI RODRIGUES	Imagem
FÁBIO MESTRE	Drone
MATILDE CANDEIAS	Grafismo
TERESA ALMEIDA	Edição de Imagem
SANDRA FELGUEIRAS *	Jornalista*

Tabela 1. Jornalistas que trabalharam na reportagem de investigação. Fonte: Autoria Própria.

A reportagem que temos vindo a analisar não foi um trabalho exclusivo do jornalista Nuno Guedes, como é explícito na *Tabela 2*. O facto de contar com vários profissionais especializados em matérias diferentes permite perceber a dedicação em atingir uma peça original e inovadora. O nome da jornalista Sandra Felgueiras não aparece na peça, mas, de certa forma, é a porteira e guia do telespectador: introduz, aparece no meio da peça e encerra a história.

Quanto ao “Método” constata-se que o jornalista foi guiado pela curiosidade e pela dúvida. Alguns documentos que utiliza possibilitam respostas, porém, as dúvidas surgem através de outra documentação e dos depoimentos, cativando, assim, a curiosidade dos telespectadores. Essa integração fundamentada e revela-se crucial para a transparência da peça.

FONTES	FUNÇÃO	MATERIAL
FRANCISCO MAIA	Proprietário de casa no Palmela Village	Entrevista
ALEXANDRA E JORGE OLIVEIRA	Proprietários de casa no Palmela Village	Entrevista
TIAGO MARTINS	Proprietário de casa no Palmela Village	Entrevista
SÍLVIA E JORGE COUTO	Proprietários de casa no Palmela Village	Entrevista
NUNO VALENTE	Proprietário de casa no Palmela Village	Entrevista
SARAH AGUIAR	Proprietária de casa no Palmela Village	Entrevista
PEDRO NEVES	Presidente da Associação de proprietários do Palmela Village	Entrevista

Tabela 2. Fontes utilizadas na reportagem de investigação. Fonte: Autoria Própria.

Quanto ao terceiro critério, que diz respeito às “Fontes” escolhidas para integrar a peça, a reportagem em questão conta com 15 fontes. Além disso, há a referência a outros contactos estabelecidos pela equipa: “o *Exclusivo* falou com mais de uma dezena de proprietários do Palmela Village”. Estas conversas possibilitaram que o jornalista se familiarizasse com o tema.

A *Tabela 3* conta com oito proprietários e o presidente da Associação de Proprietários do Palmela Village. Estas entrevistas transparecem os testemunhos que permitem conhecer a anomalia em questão.

FONTES	FUNÇÃO	MATERIAL
ÁLVARO AMARO	Presidente da Câmara de Palmela	Entrevista
CÂMARA MUNICIPAL DE PALMELA	Câmara Municipal de Palmela	Resposta escrita
ANTÓNIO MESTRE	Presidente de Junta de Freguesia da Quinta do Anjo	Entrevista
FRANCISCO FERREIRA	Associação Ambientalista Zero	Entrevista
ADMINISTRAÇÃO DA PELICANO, S.A.	Promotora do Palmela Village	Resposta escrita
EMPRESA RAVINA DO TEMPO	Empresa que explora o Palmela Village	Resposta escrita
TURISMO DE PORTUGAL	Responsável pela denominação de Aldeamento turístico	Resposta escrita
FERNANDA PAULA OLIVEIRA E DULCE LOPES	Professoras de Direito da Universidade de Coimbra	Resposta escrita

Tabela 3. Fontes (oficiais) utilizadas na reportagem de investigação. Fonte: Autoria Própria.

A *Tabela 3* revela os outros lados da história. Para além dos visados diretos, como é o caso da Câmara Municipal de Palmela e a Administração da Pelicano, S.A, a reportagem conta com duas professoras de Direito da Universidade de Coimbra para explicarem a situação tendo em conta a legislação. No caso destas fontes não estiveram disponíveis para conceder entrevistas, porém, responderam às perguntas do *Exclusivo*. Conclui-se assim que a vontade do jornalista em dar espaço aos visados ultrapassou a recusa das próprias fontes em fazerem a entrevista presencial. O jornalista insistiu e conseguiu ter por escrito várias respostas que são cruciais para a história.

A presença de inúmeras fontes e provas documentais são passos que fortalecem a peça e consolidam o critério da “Ética”. A prova irrefutável é a base das boas histórias de investigação. Assim, pode ser depreendido que o esforço do jornalista Nuno Guedes para chegar aos proprietários e às empresas visadas solidificou os pilares da história. A vontade de “escavar” (Anderson & Benjaminson, 1976, p.3), visando o serviço público, tornou as provas “à prova da bala” (Coelho & Silva, 2018, p.83). O jornalista mantém a imparcialidade ao não favorecer um lado em detrimento de outro.

IV. 2. Resultados do método de observação participante

A par da verificação das 24 peças que estão incluídas na análise quantitativa, aprofundou-se a observação participante que possibilitou a aproximação à realidade diária vivida pela equipa do *Exclusivo*. Como anteriormente referido, não foi possível presenciar a construção de uma peça desde o primeiro passo. Por isso, serão agora expostos os resultados alcançados, considerando as fases do processo que testemunhamos.

Quanto ao primeiro critério: a “Originalidade”, os momentos passados com o jornalista Luís Vigário permitiram perceber como é que o *Exclusivo* chega às histórias. De certa forma, são as histórias que chegam à equipa através do email, carta e chamada telefónica.

Contudo, a filtragem feita pelo jornalista comprova que o material é verificado e escrutinado antes de qualquer avanço. Com o propósito de obter conteúdo relevante (Hunter & Hanson, 2013, p. 9), esta “predisposição para escavar” (Anderson & Benjaminson, 1976, p. 3), é um passo decisivo na construção da peça. O material retirado desse diagnóstico parte de uma investigação específica desenvolvida pelo jornalista. Todavia, numa segunda fase, é novamente avaliado pela jornalista Sandra Felgueiras. Como observado, a informação que chega é muito rígida e com marcas opinativas de quem a enviou. Já do lado dos jornalistas, a quem foi atribuída a peça, é avaliada com o intuito de chegar à verdade de uma forma original e distinta.

Na entrevista observada a Maria dos Anjos Catapirra, a vice-presidente da Associação de Cuidadores Informais, a jornalista Anabela Vaz Jacinto contou com o repórter de imagem David Luz que está ambientado com o equipamento que é utilizado no *Exclusivo*, visto que é diferente do usado nas peças diárias. Podemos constatar que a utilização de câmaras de vídeo que privilegiam o detalhe, objetivas específicas, equipamento de iluminação e som permitem valorizar a qualidade do material recolhido, tornando-se um apoio para atingir a originalidade formal. Porém, a originalidade exige equilibrar de forma perspicaz o material recolhido com a construção da história feita pelo jornalista.

Quanto aos restantes critérios: “Método”, “Fontes” e “Ética” é complexo explorar os resultados já que a entrevista que foi acompanhada, até ao momento da entrega deste

relatório de estágio, não foi transmitida. Por isso, sem a peça, não é possível analisar as escolhas feitas pela jornalista, no momento da construção da reportagem. Assim, a atenção recairá apenas na entrevista.

Tendo em conta o “Método”, constata-se que a entrevista em questão partiu de uma suspeita da jornalista Anabela Vaz Jacinto. A dúvida surgiu no seguimento de um conjunto de peças, que investigavam uma alegada cunha do Presidente da República, que alegadamente terá beneficiado duas gémeas luso-brasileiras na toma do medicamento mais caro do mundo, no Hospital de Santa Maria. Entretanto, a suspeita continua sem respostas e a entrevista permanece guardada. Desta forma, entra em confronto com a metodologia, já que os contornos da pista deviam estar mais claramente delineados para, depois, se partir para as entrevistas.

Neste sentido, através do critério estruturante que foca nas “Fontes” e da conversa tida com a jornalista Anabela Vaz Jacinto foi possível perceber que a entrevista feita a Maria dos Anjos Catapirra, vice-presidente da Associação de Cuidadores Informais, tinha potencial para a peça. Foi escolhida a partir de uma investigação feita pela jornalista e depois de trocados contactos, marcaram a entrevista. “Uma fonte que confia no repórter pode ajudar de todas as maneiras. (Randall, 2016, p.48).

O critério da “Ética”, como referido anteriormente, é difícil de avaliar. No caso da entrevista, resultou de leitura de documentos e legislação feita com a finalidade de fortalecer o trabalho. Porém, tendo em conta o material recolhido é pertinente sublinhar uma citação do jornalista Luís Vigário: “E se fosse com a minha família. Gostaria que agissem desta forma?”.

Os profissionais que acompanhei eram guiados pelo bom senso e pela preocupação em conhecer os vários lados da história. Contudo, os obstáculos podem ser mais complexos e difíceis de ultrapassar, como podemos perceber nas 23 peças investigadas na análise quantitativa, que não respeitaram os critérios, e na pista que ainda não se fortaleceu, invalidando a utilização da entrevista que integra a observação participante.

Conclusão

O presente relatório foi desenvolvido tendo em conta o propósito de explorar a presença (ou não) de jornalismo de investigação no programa *Exclusivo*, que integra o *Jornal Nacional*, da TVI, às sextas-feiras. Nesse sentido, foi escolhida uma metodologia mista que combinou a análise quantitativa e a qualitativa. Após uma análise ao conteúdo, emitido entre o período de quatro de setembro a oito de dezembro, foram selecionadas 24 peças e, depois, foi considerada a observação participante no acompanhamento de alguns momentos da equipa do *Exclusivo*.

Para alcançar os objetivos definidos foi relevante aprofundar a crise que impacta, atualmente, o jornalismo e as especificidades do jornalismo de investigação. Tendo em conta o enquadramento teórico trabalhou-se o conceito de jornalismo de investigação que se concretizou numa base para a análise desenvolvida. Jornalismo de investigação é considerado o “jornalismo sério, cuidadoso e honesto” (McLoughlin, 2007, p.420), a “forma superior” (Coelho & Silva, 2018, p. 73 e 83), e está fortemente aliado ao facto de ser “criador de valor” (Starkman, 2014, p.9), que se concretiza no impacto social: o serviço público. Assim, “a predisposição para escavar” (Anderson & Benjaminson, 1976, p. 3), visando descobrir “o que lhe querem esconder” (Randall, 2016, p.128), é parte da atitude que distingue o jornalista de investigação do jornalista quotidiano. A investigação pode ser “morosa” (Harcup, 2014, p. 143), devido a todos os obstáculos que o jornalismo de investigação tem de superar, porém, está assente em provas “à prova de bala” (Coelho & Silva, 2018, p.83), que valorizam, fortalecem e distinguem os pilares das reportagens de investigação.

Atendendo aos elementos que estruturam o conceito de jornalismo de investigação foram estabelecidos quatro critérios estruturantes que auxiliaram na análise de todo o material: 1. Originalidade: a peça é original e complexa a um nível que ultrapassa o jornalismo quotidiano para valer a “primeira página” (Randall, 2016, p.129)? 2. Método: os passos, ao longo da investigação, foram dados tendo em conta a curiosidade e a dúvida ao mesmo tempo que o jornalista apresenta indicações de se ter esforçado para se aproximar da verdade? As questões levantadas são respondidas de forma clara, permitindo considerar a peça completa? 3. Fontes: vão para além das fontes oficiais, recorrem a “fontes anónimas apenas depois de ponderada a relevância da informação e

esgotadas todas as vias alternativas as tentativas” (Coelho, 2023, p.8); 4. Ética: é claro, para quem vê, como foi obtido o material usado? Os limites éticos ultrapassados estão assentes em provas “à prova de bala” (Coelho & Silva, 2018, p.83), e visam apenas o serviço público? Depois, a informação obtida ao longo da análise foi organizada numa tabela presente em anexo.

Com o apoio do conceito de jornalismo de investigação e a aplicação dos quatro critérios definidos, alcançamos respostas para as perguntas de partida estabelecidas para este relatório.

P1: Existe jornalismo de investigação no programa *Exclusivo*? Se sim quais são as suas características?

Das 24 peças emitidas, durante o período de estágio, apenas uma conseguiu responder positivamente aos quatro critérios estruturantes. Portanto, 4,17% e apenas uma peça em 24 é demonstrativo da escassa presença de jornalismo de investigação transmitido no programa da *TVI*.

A descrição do *Exclusivo* enfatiza a orientação da equipa para alcançar “a notícia em primeira mão e a investigação”, o que evidencia uma proximidade com a investigação jornalística. Nestes moldes, esperava-se que um programa que se apresente como jornalismo de investigação determinasse que todas as reportagens o fossem, no entanto, os valores atingidos neste relatório não revelam essa presença. Sendo um programa que se intitula de investigação jornalística, merece, por essa via, um questionamento, no que diz respeito às escolhas feitas.

Em 12 programas transmitidos, ao longo do período em análise, não foi possível identificar uma peça de investigação por programa. A explicação que pode ser apresentada para o valor, tendo em conta o enquadramento teórico, está assente na exigência e nos obstáculos que o jornalismo de investigação precisa de ultrapassar. Uma peça denominada de jornalismo de investigação deriva de um trabalho moroso, profundo (Harcup, 2014), “à prova de bala” (Coelho & Silva, 2018, p.83), que não abandona a ética (Kapuscinski, 2002). Porém, fortemente condicionado pela necessidade de gerar receitas (Coelho & Silva, 2018, p.83), e pelas pressões que podem limitar os jornalistas que se dedicam à investigação, uma vez que é “mais fortemente elogiado do que

verdadeiramente praticado” (ibidem, p.83). Ainda assim, a complexidade do trabalho de investigação não invalida a exigência inerente à atribuição de uma peça e, neste caso, de um programa da qualidade de investigação jornalística.

Além disso, os restantes valores alcançados, considerando os critérios respeitados por cada peça também devem ser alvo de reflexão. Se o jornalismo de investigação é residual, comprovado pelo facto de só termos identificado as suas marcas numa peça, também o facto de só terem sido encontradas quatro peças que cumpriram três dos critérios revela a fragilidade e a complexidade em titular uma peça de jornalismo de investigação. Nesta perspetiva, cinco peças respeitaram dois critérios estruturantes, enquanto com um critério apenas foi possível identificar quatro peças. Em contrapartida, 41, 65%, que corresponde a um total de 10 peças, não responde a nenhum dos critérios estruturantes. Esta é a parcela de maior dimensão e a mais preocupante, uma vez que não se conseguiu reconhecer nenhum critério estruturante do conceito de jornalismo de investigação em 10 das 24 peças. Todavia, foram nomeadas de investigação jornalística.

Constatamos ainda que o critério mais vezes identificável foi a “Originalidade” que esteve presente em 13 peças. O jornalismo de investigação não corre atrás da agenda noticiosa (De Burgh, 2000), porque tem o poder de ser considerado “promotor de valor”, “promotor da agenda” e “construtor de confiança junto do público” (Starkman, 2014, p.9). A avaliação da “Originalidade” esteve alicerçada à investigação desenvolvida pelo jornalista que, para além de ambicionar aprofundar o tema, deveria pretender atingir a originalidade de forma a transformar a complexa informação, numa história simples e clara. No momento de análise, sentiu-se dificuldade em explorar os diferentes parâmetros que caracterizam o critério nas respetivas peças. Foi possível identificar material original no todo e em parte, contudo, constatou-se uma elevada dificuldade em superar o parâmetro que explorava a superação das barreiras do jornalismo quotidiano, para consequentemente, poder ser apelidado de jornalismo de investigação.

Já o “Método” foi atingido em nove das 24 peças. O facto de o programa *Exclusivo* dividir algumas das reportagens por partes entra em confronto com este critério. Esse pormenor foi tido em conta porque, como vimos, no enquadramento teórico, a peça só deve ser transmitida quando estiver finalizada (Hunter & Hanson, 2013, p. 9; Randall, 2016, pp. 127, 128; Hamilton, 2016, p. 177). No caso de as peças serem apresentadas por partes, verificou-se, frequentemente, que não vivem independentemente nem apresentam respostas às dúvidas que levantam.

No entanto, é possível deduzir que o “tempo” se torna, por vezes, mais um obstáculo do que uma ajuda, para o programa em questão, já que este é apresentado semanalmente. As peças podem apresentar novas pistas e até terem relevância e impacto no serviço público, mas não vivem autonomamente, uma vez que não respondem a todos os parâmetros de cada critério estruturante.

Contrariamente, os critérios com menos presença nas peças foram as “Fontes” e a “Ética” visto que apenas quatro peças, representando 16, 67%, responderam a ambos os critérios. No caso das “Fontes”, espera-se que o jornalismo de investigação chegue às fontes oficiais, assim como às “pessoas que os inexperientes nunca sonhariam em contactar”. (Randall, 2016, p.65). A dificuldade em superar as fontes anónimas foi a adversidade percebida neste critério. A literatura defende que só devem ser usadas “depois de ponderada a relevância da informação e esgotadas todas as vias alternativas” (Coelho, 2023, p.8), uma vez que o espectador “não tem a menor ideia de quem está a ser citado (Randall, 2016, p.235), colocando em causa a clareza e a força das provas exibidas.

Quanto à “Ética” corroborou-se a dificuldade de transparência de como foi atingido o material emitido e a barreira em respeitar os princípios morais ao longo de 20 peças. O lucro social, a força e como foi alcançada a prova para “desocultar o oculto” (Aucoin, 2006, p.105), são o escudo de proteção que permite que as peças se consolidem (Coelho e Silva, 2018). Sem essa salvaguarda é complexo escrutinar positivamente a peça tendo em conta este critério. Apesar disso, o uso de câmaras ocultas nas peças não pode ser justificado pelo serviço público, uma vez que as imagens e depoimentos recolhidos de forma clandestina transformam-se em material vulnerável.

Depreende-se assim que os critérios pré-definidos (Originalidade, Método, Fontes, Ética), que suportam o conceito de jornalismo de investigação, são atingidos quando a predisposição e o compromisso do profissional também visam a verdade e o serviço público. As reportagens de jornalismo de investigação carecem de “um outro jornalista, um outro envolvimento, um outro tempo, um método que conduza à produção de uma notícia sem mácula onde a prova seja à prova de bala” (Coelho & Silva, 2018, p.83). O papel do jornalista de investigação destaca-se pela predisposição necessária e pela personalidade específica (Anderson & Benjaminson, 1976, p.3), que o jornalista tem de desenvolver para ultrapassar os inúmeros desafios ao longo do trabalho.

P2 (complementar): Como é feita a construção de uma reportagem de investigação?

Por meio do método de observação participante, que se concretizou no acompanhamento aproximado de tarefas desempenhadas pelo jornalista Luís Vigário e pela jornalista Anabela Vaz Jacinto, foi possível aferir se os passos correspondem ou não a jornalismo de investigação. Nesse sentido, também a experiência vivida foi analisada tendo em conta os critérios estruturantes: “Originalidade”, “Método”, “Fontes” e “Ética”.

Na análise do critério: “Originalidade” conseguiu-se atingir respostas para parte da pergunta complementar. O jornalista Luís Vigário filtra toda a informação que chega à equipa do *Exclusivo* via email, chamada ou carta. Não é propriamente o jornalista que vai procurar a notícia, mas é ele que tem “a predisposição para escavar” (Anderson & Benjaminson, 1976, p.3), em torno do potencial da história. O jornalista a quem é atribuído o material também aprofunda a informação, revelando investigação própria que vai de encontro ao critério em discussão. Depois o profissional tem nas suas mãos a responsabilidade de simplificar a informação e contar a história de forma original. O que foi aferido nesse sentido é que são usadas câmaras diferentes das peças diárias com o objetivo de valorizar e de potencializar a peça.

Quanto aos restantes critérios: “Método”, “Fontes” e “Ética” foi mais difícil aprofundar a análise, uma vez que os momentos acompanhados ainda não integraram parte de nenhuma peça emitida, pelo menos até ao momento da entrega do presente relatório.

Porém, quanto ao “Método” foi possível concluir que a dúvida permaneceu ao longo da observação da entrevista feita à vice-presidente da Associação de Cuidadores Informais, Maria Catapirra, no dia oito de dezembro. Contudo, devia haver mais detalhes confirmados antes de se fazer uma entrevista. Se a pista se confirmar, a entrevista feita deverá ser atualizada e, talvez, até reformulada, dado o tempo que já passou.

Com base no enquadramento teórico, concluiu-se que a entrevista acompanhada respondeu ao critério das “Fontes”, uma vez que seria relevante para a peça ouvir o testemunho caso a pista se verificasse. Constatou-se assim que a investigação foi explicada, que se criou um laço de confiança com a entrevistada (Randall, 2016), e que se informou quando a câmara começou a gravar.

Nesse sentido, percebe-se o esforço que visa a “Ética”. Os princípios morais acompanhados de análise de documentação e de legislação fortalecem a história e vão de encontro ao critério estruturante da “Ética”. Contudo, como a entrevista não integrou nenhuma peça emitida é complexo analisar as escolhas éticas que seriam tomadas.

Assim, atendendo às conclusões atingidas da análise de conteúdo e da observação participante, constata-se a necessidade de se solidificar a construção das peças de investigação e o rigor na separação de material que é jornalismo quotidiano e o que é titulado jornalismo de investigação. O maior desafio está associado à complexidade de analisar as peças tendo em conta apenas a informação que é dada para o telespectador. Dessa forma, informação e esforço pode não ser passado e ficar invisível para quem vê.

No enquadramento teórico foi desenvolvido o conceito e revelada a dificuldade que o jornalismo de investigação tem de gerir lucro e essa realidade “adquire contornos mais agudos num país como Portugal” (Coelho & Silva, 2021, p. 31). Para salvaguardar o jornalismo de investigação, o jornalista de investigação não pode estar preocupado se a peça vai ser vista, lida, ouvida ou partilhada intensamente. Como explicado, o trabalho de investigação já é por si uma prova de sucessivos obstáculos e para continuar a ser rigoroso, “promotor” e “construtor” (Starkman, 2014), de mudança e lucro social, o investimento não pode ser um peso que os jornalistas e as redações carreguem nos ombros.

Os resultados atingidos com o presente relatório de estágio comprovam a frágil situação que impacta o jornalismo e, consequentemente, o jornalismo de investigação. Nesse sentido, sugere-se que, em estudos futuros, se continue a dar atenção ao conceito de jornalismo de investigação e que se desenvolvam análises com essa finalidade. Como neste caso, explorar a presença (ou ausência) de investigação nos meios de comunicação, no panorama nacional, é extremamente relevante para perceber o que está a ser desenvolvido e, de certa forma, tornar o trabalho mais exigente. Atendendo aos valores do estudo de caso do programa *Exclusivo*, do *Jornal Nacional*, da *TVI*, constatamos que a presença de jornalismo de investigação é limitada e insuficiente.

5. Referências Bibliográficas

Anderson, B. M. (2004). News Flash, journalism, infotainment, and the bottom-line business of broadcast news. San Francisco: Jossey-Bass.

Anderson, D. & Benjaminson, P. (1976). Investigative Reporting. Bloomington and London: Indiana University Press.

Anderson, Peter J. (2007). “Challenges for Journalism”, in P.J. Anderson, & G. Ward, (org), The Future of Journalism in the Advanced Democracies. Hampshire: Ashgate Publishing, 51-73.

Aucoin, J. L. (2006). The Evolution of American Investigative Journalism. University of Missouri Press.

Baptista, C. (2018). Tendências do jornalismo de investigação televisivo a partir do estudo de caso da reportagem da TVI “Segredo dos Deuses”. Media e Jornalismo 18, 95 - 104. Disponível em: https://impactum-journals.uc.pt/mj/article/view/2183-5462_32_7/4557

Bernstein, C., & Woodward, B. (1974). All the President’s Men. Simon & Schuster.

Cagé, J. (2016). Saving the Media, capitalism, crowdfunding, and democracy. London: The Belknap Press of Harvard University Press

Carlson, Andrea (2019). Investigative journalism, democracy, and the digital age. Routledge.

Coelho, P. (2007). A função social das televisões de proximidade. Por um modelo de comunicação alternativo.

Coelho, P. (2015). A investigação jornalística em televisão: algumas reflexões sobre o futuro do jornalismo televisivo. In P. Serra, S. Sá e S. Washington (Eds.), A Televisão Ubíqua, 105-122. Disponível em: <https://www.labcom.ubi.pt/livro/136>

Coelho, P. (2023). Novas Fronteiras do Jornalismo de Investigação: Do Lobo Solitário à Alcateia. Comunicação E Sociedade, 44, e023015. Disponível em: [https://doi.org/10.17231/comsoc.44\(2023\).4561](https://doi.org/10.17231/comsoc.44(2023).4561)

- Coelho, P., & Rodrigues, I. A. (2020). Rebuilding investigative journalism. Collaborative journalism: sharing information, sharing risk. *Observatório (OBS*)*, 14(4).
- Coelho, P., & Silva, M. T. da. (2018). O Lucro Social e Financeiro do Jornalismo de Investigação. In Baptista, C. & Carvalho, A. *Ética Jornalística para o Século XXI, Novos Desafios, Velhos Problemas* (pp. 73-94). *Revista Media e Jornalismo*, 18 (32 SE), 73–94. Disponível em: https://doi.org/10.14195/2183-5462_32_6
- De Burgh, H. (2000). *Investigative Journalism: Context and Practice*. Routledge.
- Downie Jr., L. & Schudson, M. (2009). The Reconstruction of American Journalism. *Columbia Journalism Review*. Disponível em: http://archives.cjr.org/reconstruction/the_reconstruction_of_american.php
- Franklin, Bob et al. (2010). *Key concepts in journalism*, London, California, Sage.
- Grandim, A. (2015). *A Televisão Ubíqua*. Em P. Serra, S. Sá & W. S. Filho. Covilhã, Portugal: LabComJFP, Universidade da Beira Interior (UBI), Série Livros LabCom.
- Hahn, O. & Stalph, F. (2018). *Digital Investigative Journalism: Data, Visual Analytics and Innovative Methodologies in International Reporting*. Centre for Media and Communication. Universidade de Passau, Alemanha. Disponível em: <https://doi.org/10.1007/978-3-319-97283-1>
- Harcup, T. (2014). *Um Dicionário de Jornalismo*. Oxford: Imprensa da Universidade de Oxford.
- Hamilton, J. T. (2016). *Democracy's Detectives. The economics of investigative journalism*. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press.
- Hunter, M., & Hanson, N. (2013). O que é o jornalismo investigativo? O jornalismo investigativo não é a cobertura habitual. In M. Hunter (Ed.), *A investigação a partir de histórias: um manual para jornalistas investigativos* (pp. 7–12). UNESCO Publishing.
- Jost, François. (2015). *A Televisão Ubíqua*. Em P. Serra, S. Sá & W. S. Filho. Covilhã, Portugal: LabComJFP, Universidade da Beira Interior (UBI), Série Livros LabCom.
- Kapuscinski, R. (2002). *Los cínicos no sirven para este oficio, sobre el buen periodismo*. Barcelona: Anagrama.

- Kovach, B. & Rosenstiel, T. (2010). *Blur. How to know what's true in the age of information overload*. Nova Iorque: Bloomsbury.
- Lopes, F. (2016). Os jornalistas e os constrangimentos que atormentam a profissão: entre as pressões do mercado e a imposição das fontes de informação. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/76177811.pdf>
- Machado, R. (2015). *Jornalismo de investigação face ao caso WikiLeaks*. Dissertação em Jornalismo, Universidade da Beira Interior, Covilhã.
- McLoughlin, K. (2007). *Martha Gellhorn: The war writer in the field and in the text*. Manchester University Press, julho de 2007.
- Matos, J. N.; Baptista, C. & Subtil, F. (2017) (org.). *A crise do jornalismo em Portugal*. Lisboa: Deriva Editores e Outro Modo.
- Newman, N.; Fletcher, R.; Kalogeropoulos, A.; Levy, D. A. L.; Nielsen, R. K. (2017). *Reuters Institute Digital News Report 2017*. University of Oxford: Reuters Institute for the Study of Journalism.
- Ramonet, I. (2011). *L'Explosion du Journalism, des médias de masse à la masse de médias*. Paris: Éditions Galilée.
- Randall, D. (2016). *The Universal Journalist*. London: Pluto Press.
- Sambrook, R. (2017). *Global Teamwork: The Rise of Collaboration in Investigative Journalism*. Retrieved from <https://reutersinstitute.politics.ox.ac.uk/our-research/global-teamwork-rise-collaborationinvestigative-journalism>.
- Serra, P., Sá, S., & Filho, W.S. (Eds). (2015). *A televisão ubíqua*. Covilhã, Portugal: LabCom.IFP, Universidade da Beira Interior (UBI), Série Livros LabCom.
- Starkman, D. (2014). *The Watchdog That Didn't Bark: The Financial Crisis and the Disappearance of Investigative Journalism*. Columbia University Press. Disponível em: <https://doi.org/10.7312/star15818>
- Starks, M. (2013). *The Digital Television Revolution Origins to Outcomes*, Palgrave Macmill.

Anexo

Tabela 4: Critérios estruturantes para analisar as peças do Exclusivo. Fonte: Autoria Própria.

Peças	Dia	Critérios			
		Originalidade	Método	Fontes	Ética
"Máfia dos transportes"	22 de setembro	X	X		X
"Padre suspeito de abusos sexuais em Coimbra não nega crime: "Hoje tocar numa criança ou num jovem já é tudo abuso"	22 de setembro				
"Compraram imóveis com licenças para "habitação" e podem "acabar com uma mão cheia de nada"	29 de setembro	X	X	X	X
Operação "Semente em Pó"	6 de outubro	X	X		
"Ambiente suspende avaliação da obra que vai acabar com a última fronteira fechada da União Europeia"	6 de outubro				
"PJ investiga desvio de dinheiros públicos para bombeiros do Barreiro"	13 de outubro				
"Pilotos que custaram fortuna ao Estado trabalham para o INEM em situação duvidosa"	13 de outubro	X			X
"Sérgio transferiu 180 mil euros e esteve duas semanas sem saber do dinheiro"	13 de outubro				
Do telefonema do enfermeiro à dor de enfrentar os assassinos. Família de Fábio Guerra conta tudo pela primeira vez	20 de outubro				
"Sempre sonhou ser polícia"	20 de outubro				
"Imigração. Cinco mil euros para legalizar a família e a criança que ainda nem nasceu"	27 de outubro	X			
"Um "Paraíso" na Internet. Centenas de grávidas estrangeiras procuram Portugal para "turismo de nascimento"	27 de outubro	X			

“Homem de 59 anos espera há dois anos por uma operação a uma hérnia de 30 centímetros”	27 de outubro				
“Marcelo suspeito de "cunha" para tratamento de duas gêmeas no Sana Maria”	3 de novembro	X	X	X	
“Ministério da Saúde de Marta Temido deu ordens para marcar primeira consulta das gêmeas luso-brasileiras”	10 de novembro	X	X	X	
“Email enviado ao neuropediatra e a carta enviada à casa civil. As contradições de Marcelo”	10 de novembro				
“Milhares de motoristas não falam português e mesmo assim passam todos no exame- o segredo dos TVDE”	17 de novembro	X	X		
“Há crimes em causa na formação dos condutores de TVDE”	17 de novembro	X			
*Família das gêmeas luso-brasileiras	24 de novembro				
*Irregularidades no aeroporto de Cascais	24 de novembro	X	X		
“Revolta das mães que têm filhos com as mesmas condições das gêmeas e que vivem com dificuldades e que também receberam o mesmo medicamento”	1 de dezembro	X			
“Nacionalidade das gêmeas: advogados afirmam que processo foi demasiado rápido”	1 de dezembro		X	X	X
“Negligência médica, falta de profissionais, má alimentação: as experiências “traumatizantes” dos idosos nos lares Orpea”	8 de dezembro	X	X		
"A evidência científica era pobre"	8 de dezembro				
-24 Peças	-12 programas	-13 peças (54,17%)	-9 peças (37,5%)	-4 peças (16,67%)	-4 peças (16,67%)

* As peças que integram o programa de dia 24 de novembro não foram publicadas individualmente no site, nem foram tituladas.